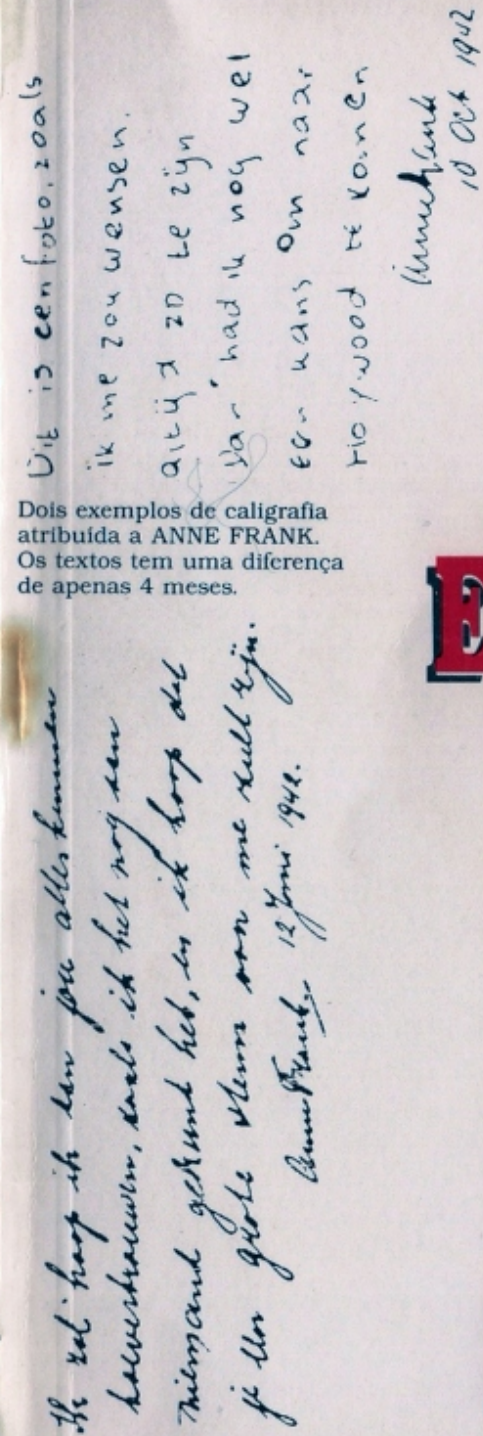
OUTRAS OBRAS IMPORTANTES DA REVISÃO EDITORA

- **HOLOCAUSTO: JUDEU OU ALEMÃO? Nos Bastidores da Mentira do Século,** de S. E. Castan. Considerado o mais completo livro revisionista do mundo. 29 edições. Agora também em inglês e espanhol.
- **OS CONQUISTADORES DO MUNDO** — Os Verdadeiros Criminosos de Guerra, de Louis Marschalko, notável escritor húngaro, mostra quem é quem, onde estão e o que fazem.
- **BRASIL COLÔNIA DE BANQUEIROS,** de Gustavo Barroso, uma denúncia sobre empréstimos do Exterior.
- **O MASSACRE DE KATYN,** do pesquisador militar Sérgio Oliveira, pondo às claras um massacre de oficiais poloneses, crime que havia sido atribuído aos alemães.
- **CARTA AO PAPA,** do Gen. Léon Degrelle, comandante das forças voluntárias belgas, que lutaram ao lado dos alemães. Esclarece fatos ao Papa João Paulo II sobre campos de concentração.
- **ACABOU O GÁS — O FIM DE UM MITO,** onde S. E. Castan apresenta o relatório do Engenheiro norte-americano LEUCHTER, fabricante de camâras de gás, após examinar AUSCHWITZ, BIRKENAU e MAJDANEK.
- **A BÍBLIA EM QUADRINHOS:** Obra de arte, luxo e cores do grande pintor e desenhista gaúcho SÉRGIO MIGUEL CASTRO DA ROCHA, contendo histórias do antigo testamento.
- **HITLER — CULPADO OU INOCENTE?** Importante obra de SÉRGIO OLIVEIRA, vista por ângulo inédito.
- **OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO,** um polêmico plano sionista de dominação mundial, profundamente analisado e comentado por Gustavo Barroso, vários anos Presidente da Academia Brasileira de Letras, fundador e Diretor do Museu Histórico Nacional.
- **O JUDEU INTERNACIONAL,** de HENRY FORD, um dos maiores industriais do século.
- **O CACHORRO — A HISTÓRIA DE UM ESPIÃO,** de Marco Pollo Giordani, consagrado autor do "BRASIL SEMPRE". Trata-se da primeira obra de ficção da Editora.
- **SOS PARA ALEMANHA, de S.E. CASTAN,** mostrando porque os governantes alemães não protestam contra as difamações do seu povo, e comentando acontecimentos mundiais.

Rua Voltaire Pires 300 / Conj. 02 - POA - RS - Fone: 0512 23-1643

QUEM ESCREVEU O DIÁRIO DE ANNE FRANK? ROBERT FAURISSON



Dois exemplos de caligrafia atribuída a ANNE FRANK. Os textos tem uma diferença de apenas 4 meses.

REVISÃO EDITORA LTDA

Robert Faurisson

QUEM ESCREVEU O DIÁRIO DE ANNE FRANK?

QUEM ESCREVEU O DIÁRIO DE ANNE FRANK?

Robert Faurisson

QUEM ESCREVEU O DIÁRIO DE ANNE FRANK?

1ª edição

1990

REVISÃO
EDITORA LTDA

Conferindo e Divulgando a História

Editado pela
REVISÃO EDITORA LTDA.
Cx. Postal 10466
Rua Voltaire Pires, 300, conj. 2
90001 Porto Alegre - RS - BRASIL

O Livro

Publicado pela primeira vez em 1947 em seu original holandês o *Diário* estava destinado a surgir em pelo menos cinco línguas diferentes e em cerca de nove versões diferentes, sem contar as edições em língua inglesa.

A edição de 1963, nos Estados Unidos, de "Anne Frank: o diário de uma jovem" surgiu com introdução escrita por Eleanor Roosevelt. Pelo que diz o editor, Cardinal, mais de dois milhões e quinhentos mil exemplares do livro foram vendidos nesse ano, só em edições nos Estados Unidos, e já se tornara uma das peças mais destacadas na história da Broadway, tendo ganho o Prêmio Pulitzer, o troféu do Círculo de Críticos Dramáticos de Nova Iorque e o Troféu Antoinette Perry. George Stevens o transformara em filme destacado, estrelando Millie Perkins no papel de Anne Frank.

Em suma o "diário" de Anne Frank foi um tremendo sucesso literário e no mundo do entretenimento. Todos pareciam estar ganhando dinheiro com ele, desde os promotores de Hollywood aos promotores do "Holocausto" que citavam e teatralizavam determinadas passagens como alavanca moral para fazer as pessoas acreditarem no sofrimento incomparado dos judeus, na Europa, durante a guerra.

Acredita-se que Anne Frank tenha morrido no campo de concentração de Bergen-Belsen em março de 1945, de tifo, doença epidêmica comum em muitos campos durante a parte final de guerra, quando o transporte de alimentos, roupas e suprimentos médicos foi virtualmente cortado pelos bombardeios aliados. O curioso é que Anne evidentemente sobreviveu ao chamado "campo da morte" em Auschwitz-Birkenau, do qual foi transferida em 1944 para Bergen-Belsen. O pai de Anne também sobreviveu a Auschwitz, onde fora hospitalizado.

Este livreto constitui uma reedição exata do artigo surgido com o mesmo título na edição de verão de 1982 de *The Journal of Historical Rewiew*. O Dr. Faurisson inicia seu tratado com uma análise crítica interna do texto do "diário", seguido pelos detalhes de um exame forense *in loco* dos locais reais onde se afirma que Anne se teria escondido (agora transformado em museu, em Amsterdam). Depois disso passa a relacionar uma série de discrepâncias materiais reveladas em suas entrevistas com as vítimas principais, o pai de Anne, Otto Frank, concluindo o seu trabalho com uma

análise bibliográfica e comparações entre os dois textos principais do "diário".

Ao ler este livreto o leitor descobrirá não apenas a verdade sobre as origens e evolução deste "diário" atribuído a uma mocinha, como também adquirirá uma compreensão muito sadia das extensões inacreditáveis a que as pessoas se lançaram a fim de propagar e se valer desta impostura literária tão simples – algo que se mostra bastante instrutivo, à medida que alguém se aprofunda mais na literatura do "Holocausto".

Sobre o Autor

O Dr. Robert Faurisson nasceu em Shepperton, perto de Londres, em 1929, de pai francês e mãe escocesa. Foi educado em Singapura, Japão, Marselha e em Paris na Sorbonne, onde recebeu o seu doutorado em 1972. Depois de um período curto em que lecionou na Sorbonne o Professor Faurisson tornou-se Professor Associado de Literatura Francesa na Universidade de Lyon-2, na França central. Ele se especializa na avaliação e exame de textos e documentos e escreveu numerosos artigos e trabalhos, bem como dois livros: *Mémoir en défense contre ceux que m'accusent de falsifier L'Histoire e Réponse à Pierre Vidal-Naquet.*

INSTITUTO DE REVISÃO HISTÓRICA
CX. POSTAL 1306 — TORRANCE, CALIFÓRNIA — 90505

APRESENTA

Uma publicação Periódica Acentuadamente Controversa, Decidida, Revisionista e Inédita:

The Journal of Historical Rewiew

Em 1978 reuniu-se a mais significativa assembléia de estudiosos, pesquisadores, escritores e livre pensadores que já existiu, com o objetivo de desafiar a ortodoxia histórica. A coisa única que todos eles tinham em comum era o Revisionismo — a compreensão de que a "história" moderna estava deliberada e sistematicamente apagando categorias completas de fatos importantes — fatos que passavam em revisão eficiente o que todos tinham sido levados a aceitar como verdade.

Nesse ano o Instituto de Revisão Histórica foi fundado. No ano seguinte a primeira edição de *The Journal of Historical Review* foi lançado em meio a um clamor na mídia, clamor esse que ainda não acabou. E o desafio prosseque.

Cada edição de *The Journal* tem 128 páginas da matéria revisionista mais contundente que já foi apresentada — artigos originais, críticas de livros e comentários que atacam os próprios alicerces da História dos Tribunais. Destinado e editado para o leitor leigo, *The Journal* serve como nascente para o corpo crescente de pesquisa revisionista moderna — pesquisa essa que está tornando os livros de texto sujeitos a uma crítica crescente e causando acessos nos propagandistas do *Establishment*..

Em apoio a *The Journal* existe a *IHR Newsletter*, uma avaliação e atualização de temas, publicada oito vezes por ano, referente aos acontecimentos que afetam a historiografia revisionista e a organização IHR. Tanto *The Journal* como a *IHR Newsletter* podem chegar às suas mãos mediante assinatura.

Nos meses e anos vindouros, *The Journal* desempenhará um papel crescente na tarefa de tornar a história verdadeira acessível aos estudantes, mestres e um número crescente de leitores. Não perca tal oportunidade de estar à frente desta perspectiva histórica crescente.

Preços e Descontos

1. assinatura de um ano (4 exemplares) ..... $ 30.00
2. assinatura de dois anos (8 exemplares) ..... $ 50.00
3. assinatura de três anos (12 exemplares) ..... $ 70.00

(Lembre-se de que sua assinatura inclui a **IRH Newsletter** sem aumentar o preço).

Deduza 10% para duas assinaturas ou mais. Os preços acima incluem as taxas postais por mala comum em qualquer lugar do mundo. Todos os pedidos devem incluir pagamento. Acrescente 10 dólares por ano para a entrega doméstica de primeira classe. Adicione $ 15 por ano para a entrega por via aérea no exterior. Aduza $ 5 por ano para assinaturas no exterior.

Lembre-se os assinantes de **The Journal of Historical Review** recebem um desconto de 5% em todos os livros, fitas e outros materiais do Instituto de Revisão Histórica.

Quem escreveu o Diário de Anne Frank?

Dr. Robert Faurisson

1. O *Diário* de Anne Frank é genuíno? Por dois anos essa pergunta foi incluída no tema oficial do meu seminário sobre crítica de Textos e Documentos. (Esse seminário é reservado para alunos no quarto ano, já dotados de diploma.)

2. O *Diário* de Anne Frank é uma impostura. Foi essa a conclusão de nossos estudos e pesquisas. É esse o título do livro que publicarei.

3. Para examinar a questão apresentada e chegar a uma resposta quanto a ela, executei as investigações seguintes:

Capítulo um: crítica interna: o próprio texto do *Diário* (texto em holandês) contém um número inexplicável de fatos improváveis ou inconcebíveis. (Parágrafos 4-12).

Capítulo dois: um estudo dos locais em Amsterdam: a um lado as impossibilidades físicas, e a outro as explicações apresentadas pelo pai de Anne Frank o comprometem muitíssimo. (Parágrafos 13-17).

Capítulo três: entrevista com a testemunha principal, o Sr. Otto Frank; como se veio a ver, essa entrevista sobrepujou o pai de Anne Frank. (Parágrafos 18-47).

Capítulo quatro: exame bibliográfico: alguns silêncios e revelações curiosos. (Parágrafos 48-55).

Capítulo cinco: um regresso a Amsterdam para novas investigações: o depoimento de testemunhas mostra-se desfavorável ao Sr. Frank; a verdade provável. (Parágrafos 56-63).

Capítulo seis: o "traidor" e a pessoa que prendeu os Franks: por que o Sr. Frank desejou assegurar-lhes tal anonimato? (Parágrafos 64-71).

Capítulo sete: comparação entre o texto holandês e o texto alemão: procurando tirar proveito excessivo disso, o Sr. Frank se denunciou; ele assinou uma impostura literária. (Parágrafos 72-103).

Capítulo 1

4. *Crítica interna:* o próprio texto do *Diário (texto holandês)* contém um número inexplicado de fatos improváveis ou inconcebíveis.

5. Tomemos o exemplo dos ruídos. Aqueles que estavam escondidos, ao que nos dizem, não devem fazer ruído. Tal medida atinge tamanha extensão que, se tossirem, rapidamente tomam codeína. Os "inimigos" poderiam ouvi-los. As paredes são *finas*. Assim esses "inimigos" são muito numerosos; Lewin, que "conhece bem todo o edifício" (1.º de outubro de 1942), os homens da loja, os fregueses, os entregadores, o agente, a *arrumadeira,* o *vigia noturno* Slagter, os bombeiros, o "serviço sanitário", o contador, a polícia que efetua buscas, os vizinhos tanto próximos como distantes, o proprietário, etc, etc. Torna-se com isso improvável que a Sra. Van Daan tivesse o hábito de usar o *aspirador de pó* todos os dias às 12:30 da tarde (5 de agosto de 1943). Os aspiradores de pó, ademais, mostravam-se particularmente ruidosos nessa época. Pergunto: "Como isso é possível?" Minha pergunta não tem natureza puramente formal. Não é uma pergunta retórica. Seu objetivo não é o de demonstrar espanto. Minha pergunta é simplesmente uma pergunta. Mostra-se necessário respondê-la. Essa pergunta podia ser acompanhada por quarenta outras perguntas referentes a ruídos. Torna-se necessário explicar, por exemplo, o uso de um *relógio despertador* (4 de agosto de 1943). É necessário explicar o *trabalho de carpintaria* barulhento: retirada de um degrau de madeira, transformação de uma porta em aparador giratório (21 de agosto de 1942); a feitura de um candelabro de madeira (7 de dezembro de 1942). Peter racha lenha no sótão diante da janela aberta (23 de fevereiro de 1944). Tem a ver com a construção efetuada com a madeira vinda do sótão e "alguns pequenos aparadores e outras coisinhas" (11 de julho de 1942). Aquilo até mesmo levava à construção no sótão

de... "um pequeno compartimento" para trabalho (13 de julho de 1943). Há um ruído quase constante vindo do *rádio,* das *portas que eram batidas,* das "gargalhadas à vontade" (6 de dezembro de 1943), *discussões,* os *gritos,* os *berros,* um *"barulho que era bastante para acordar os defuntos"*. (9 de novembro de 1942), "houve então *um grande barulho e perturbação.:.* eu me dobrei de *gargalhadas"* (10 de maio de 1944). O episódio narrado para 2 de setembro de 1942 é inconciliável com a necessidade de manter silêncio e cautela. Ali vemos os que se escondiam, jantando, a *conversa* e *risadas.* De repente ouviu-se um *assovio penetrante.* Eles ouvem a voz de Peter, que *grita* à chaminé do fogão, dizendo que não vai descer de modo algum. O Sr. Van Daan se levanta, o guardanapo cai e com o rosto vermelho ele *grita:* "Já chega disso". Ele sobe para o sótão e ali temos *resistência e a batida de pés.* O episódio narrado para 10 de dezembro de 1942 é do mesmo tipo. Nele vemos a Sra. Van Daan, que o dentista Dussel procura. Este sonda um dente cariado com seu instrumento e a Sra. Van Daan emite então *"gritos incoerentes de dor"*. Ela procura afastar de si aquele instrumento. O dentista olha para isso, de mãos nos quadris. Os demais espectadores, todos eles, *"prorromperam em gargalhadas"*. Anne, em vez de demonstrar qualquer receio diante de tais gritos ou dessas gargalhadas soltas, declara: "Foi sujeira de nossa parte, porque eu sou uma que tenho a certeza de que gritaria mais alto ainda".

6. As observações que faço aqui com relação aos ruídos podiam ser repetidas quanto a *todas* as realidades da vida física e mental. O *Diário* apresenta até mesmo uma particularidade de que nem um só aspecto da vida que é vivida ali deixa de mostrar-se improvável, incoerente ou absurdo. Por ocasião de sua chegada ao esconderijo os Franks *instalam algumas cortinas* a fim de encobrir sua presença, mas instalar cortinas em janelas que não as tinham até então, não é esse o melhor meio para denunciar a chegada de alguém? E tal particularidade não se acentua quando tais cortinas são feitas de pedaços de *"todas as formas, padrões e tamanhos diferentes"* (11 de julho de 1942)? Procurando não trair sua presença os Franks queimam o seu *lixo,* mas ao fazerem isso chamam a atenção para a sua presença pela *fumaça* que escapa no teto de uma morada que se supõe vazia! Acendem fogo pela primeira vez em 30 de outubro de 1942, embora tenha chegado a esse lugar a 6 de julho. *Pode-se perguntar o que teriam feito com o seu lixo durante os 116 dias de verão.* Lembro, por outro lado, que as entregas

de alimentos são enormes. Em condições normais as pessoas que se escondem, e seus convidados, fazem a cada dia oito desjejuns, oito a doze almoços e oito jantares. Em nove partes do livro é feita alusão a alimento ruim, medíocre ou insuficiente. A não ser por isso a comida é abundante e "deliciosa". O Sr. Van Daan "come bastante de tudo" e Dussel ingere "quantidades enormes" de alimento (9 de agosto de 1943). Ali mesmo eles fazem salsichas molhadas e secas, geléia de morango e conservas em vidros. Também não parecem faltar *brandy* ou álcool, conhaque, vinhos e cigarros. O café é tão comum que não se compreende o motivo pelo qual o autor, enumerando (23 de julho de 1943) o que cada um poderia fazer no dia quando pudessem sair do esconderijo, afirma que o maior desejo da Sra. Frank seria tomar uma xícara de café. Por outro lado, a 3 de fevereiro de 1944 – durante o rigoroso inverno desse ano , temos a relação dos abastecimentos de que dispunham apenas os que se achavam escondidos, excluindo qualquer amigo ou "inimigo" que com eles vivesse: sessenta libras de milho, quase sessenta libras de feijão e dez libras de ervilhas, cinqüenta latas de legumes, dez latas de peixe, quarenta latas de leite, dez quilos de leite em pó, três garrafas de óleo de salada, quatro jarras de conserva de manteiga, quatro jarras de carne, dois vidros de morangos, dois vidros de framboesas, vinte vidros de tomate, dez libras de aveia e oito libras de arroz. E ali surgem em outros momentos alguns sacos de legumes, cada qual pesando *25kg*, ou então um saco de *19 libras* de ervilhas frescas (8 de julho de 1944). As entregas são feitas por um "agradável verdureiro" e sempre "durante a hora do almoço" (11 de abril de 1944). Aí temos algo difícil de acreditar. Numa cidade que de outra forma é descrita como estando à fome, como poderia um verdureiro deixar sua loja em plena luz do dia com cargas tais para entregá-las numa casa situada em vizinhança movimentada? Como poderia esse verdureiro, em sua própria vizinhança (ele ficava "na esquina"), evitar encontrar com seus clientes comuns para quem, nessa época de escassez, deveria normalmente ser uma pessoa procurada e a quem se pediam favores? Muitos outros mistérios estão presentes no que toca a outras mercadorias e ao modo pelo qual elas chegam ao esconderijo. Nos feriados e aniversários das pessoas escondidas os presentes são numerosos: cravos, peônias, narcisos, jacintos, jarros de flores, bolos, livros, doces, isqueiros, jóias, artigos de barbear, jogos de roleta, etc. Tudo isso chamaria a atenção para um feito de verdade, realizado por Elli. Ela descobre um meio

de oferecer algumas uvas, a 23 de julho de 1943. Repito: algumas uvas em Amsterdam, em 23 de julho. Eles nos dizem, até, qual foi o preço: cinco florins por quilo.

7. A invenção do *"aparador giratório"* é um absurdo. Na verdade a parte da casa da qual se diz que protegia as pessoas ali escondidas existia bem antes de sua chegada. Assim sendo, instalar um aparador é denunciar, senão a presença de alguém, pelo menos uma mudança nessa parte da propriedade. Tal transformação do local acompanhada pelo ruído do trabalho de carpintaria não poderia ter escapado à atenção dos "inimigos" e, de modo especial, da arrumadeira. E esse suposto "subterfúgio", destinado a enganar a polícia no caso de uma busca, na verdade se presta muito mais a pô-la mais atenta. ("...muitas casas estão sendo procuradas à procura de bicicletas escondidas", diz Anne a 21 de agosto de 1942 e é por esse motivo que a porta de entrada do esconderijo foi assim escondida.) A polícia, sem encontrar qualquer porta dando para o edifício e que sirva de lugar de esconderijo, teria ficado surpresa diante dessa singularidade e rapidamente descoberto que alguém pretendia enganá-la, uma vez que ela se veria diante de um edifício residencial sem entrada!

8. As improbabilidades, incoerências, absurdos, se mostram igualmente abundantes no que toca às seguintes questões: as *janelas* (abertas e fechadas), a *eletricidade* (ligada e desligada), o *carvão* (retirado da pilha comum sem que os "inimigos" o percebam), o abrir e fechar das *cortinas* ou a *camuflagem,* o uso da *água* e do *toalete,* os meios pelos quais *cozinhavam,* os movimentos dos *gatos,* o *andar* da casa da frente para o anexo (e vice-versa), o comportamento do *vigia noturno,* etc. A comprida carta de 11 de abril de 1944 mostra-se especialmente absurda. Ela dá parte de um caso de *roubo.* Digamos de passagem que a polícia é ali apresentada como tendo parado diante do "aparador giratório", no meio da noite, sob luz elétrica, à procura dos larápios que invadiram a casa. Eles sacodem o "aparador giratório". Tais policiais, acompanhados pelo vigia noturno, não notam coisa alguma e não procuram entrar no anexo! Como diz Anne, "Deus realmente nos protegeu..."

9. A 27 de fevereiro de 1943 eles dizem que o *novo proprietário* felizmente não insistiu em visitar os anexos. Koophuis disse que não tinha a chave em seu poder e que o novo dono, embora acompanhado por um *arquiteto,* não examinou sua nova compra quer naquele dia ou em qualquer outro.

10. Quando se tem o decurso de todo um ano para escolher

um esconderijo (ver 5 de julho de 1942), por acaso alguém escolhe seu *gabinete?* Alguém leva sua família até lá? E mais um *colega?* E a família do colega? Alguém escolhe um lugar cheio de "inimigos", onde a polícia e os alemães viriam automaticamente procurar alguém, caso não encontrassem essa pessoa em sua residência? Esses alemães, não se pode negar, mostram-se pouquíssimo curiosos. A 5 de julho de 1942 (um *domingo*) o pai Frank (a menos que se trate de Margot?!) recebeu uma *"intimação"* da SS (ver a carta de 8 de julho de 1942). Essa *"intimação"* não teria qualquer conseqüência. Margot, procurada pela SS, chega ao esconderijo em *bicicleta* e a 6 de julho, quando de acordo com a primeira das duas cartas datadas 20 de junho os judeus haviam tido as suas bicicletas confiscadas já por algum tempo.

11. Para pôr em dúvida a autenticidade do *Diário* alguém poderia valer-se de argumentos de natureza psicológica, literária ou histórica. Vou-me abster disso aqui. Limitar-me-ei a observar que os absurdos físicos são tão grandes e numerosos que devem ter seus efeitos nos níveis psicológico, literário e histórico.

12. Não devemos atribuir à *imaginação* da autora ou à *riqueza de sua personalidade* algumas coisas que na verdade são *inconcebíveis.* O inconcebível é "aquilo de que a mente não consegue formar qualquer parecença, já que os termos que o designam acarretam uma impossibilidade ou uma contradição": por exemplo, um *círculo quadrado.* Quem diz que já viu um círculo quadrado, dez círculos quadrados, cem círculos quadrados, não fornece qualquer prova de ter imaginação fértil ou de ser uma personalidade rica, pois na verdade o que está dizendo significa exatamente nada. Prova, por dizê-lo, a sua pobreza de imaginação, é tudo. Os absurdos do *Diário* são aqueles vindos de uma imaginação fraca e que se estende fora de uma experiência vivida. São próprios de uma novela fraca ou de uma mentira capenga. Toda a personalidade, por pobre que seja, contém o que podemos chamar de contradições psicológicas, mentais ou morais. Vou abster-me de demonstrar que a personalidade de Anne não contém coisa alguma desse tipo. Sua personalidade é inventada e se mostra tão difícil de acreditar quanto a experiência que o *Diário* pretende narrar. De um ponto de vista histórico eu não me surpreenderia se um exame dos jornais holandeses, do rádio inglês e do rádio holandês a partir de junho de 1942 até agosto de 1944, viesse a demonstrar impostura por parte do verdadeiro autor do *Diário.* A 9 de outubro de 1942, Anne fala já de judeus "sendo gasificados" (versão holandesa: "vergassing")!

Capítulo 2

13. *O estudo das dependências em Amsterdam;* a um lado, as impossibilidades físicas e ao outro as explicações apresentadas pelo pai de Anne Frank o comprometem muito.

14. Quem quer que tenha apenas lido o *Diário* só pode normalmente sentir o choque de ver a "Casa de Anne Frank" pela primeira vez. Descobre então uma "casa de vidro" ou estufa que é visível e observável por todos os lados e acessível pelos quatro cantos. Descobre também que a planta da casa – como se vê reproduzida no livro pelos bons ofícios de Otto Frank – constitui uma distorção da realidade. Otto Frank teve a cautela de não desenhar a planta do andar térreo e também em não nos contar que o pequeno pátio separando a casa da frente do anexo tem apenas 12 pés e 2 polegadas (3,7 metros) de largura. Tomou cuidado ainda mais especial em não nos fazer ver que esse mesmo pátio pequeno é comum à "Casa de Anne Frank" (número 263 de Prinsengracht) e à casa situada à direita, quando se olha a sua fachada (265 Prinsengracht). Graças a toda uma série de janelas e falsas janelas as pessoas do número 263 e as do número 265 moravam e se movimentavam sob os olhos e bem sob os narizes (odores de cozinha!) dos respectivos vizinhos. As duas casas na verdade são uma, apenas. *Ademais o museu hoje liga as duas casas. Além disso o anexo tinha a sua própria entrada graças a uma porta que dava pela parte de trás a um jardim.* Esse jardim é comum ao número 263 da Prinsengracht e às pessoas do outro lado, que moravam no número 190 da Keizersgracht. (Quando alguém se encontra no museu vê com muita clareza essas pessoas do número 190 ou de muitos outros endereços na Kaisersgracht.) Desse lado (o lado do jardim) e do outro lado (o lado do canal) contei duzentas janelas de casas antigas, das quais as pessoas tinham uma visão da "casa de Anne Frank". Até mesmo os residentes no número 261 da Prinsengracht podiam ter acesso ao 263 pelos tetos. É tolice acreditar que haja a menor possibilidade de uma vida realmente secreta nessas dependências. Afirmo isso levando em conta, está claro, as modificações feitas nessas dependências desde a guerra. Enquanto apontava à vista do jardim perguntei a dez visitantes sucessivos como Anne Frank poderia ter vivido ali escondida com a família e isso por vinte e cinco meses. Após um instante de surpresa (porque os visitantes ao museu geralmente vivem numa espécie de hipnose), cada qual dos dez visitantes suces-

sivos compreendeu em poucos segundos que se tratava de algo completamente impossível. As reações variaram; junto a alguns, desapontamento; com outros, uma explosão de risadas ("meu Deus!"). Um dos visitantes, certamente ofendido, me disse: "Você não acha que é melhor deixar as pessoas com os sonhos que elas têm?" Nenhum deles deu apoio à tese do *Diário*, a despeito de algumas explicações bastante lamentáveis proporcionadas pelo prospecto ou pelas inscrições no museu.

15. As explicações são as seguintes: (1) os "inimigos", achando-se em um dos aposentos da casa em frente, acreditavam que as janelas dando para o pequeno pátio dão diretamente para o jardim; por isso não se apercebiam sequer da existência de um anexo; e se não o percebiam, deve-se isso ao fato de que as janelas estavam ocultas por papel preto a fim de assegurar a conservação dos condimentos ali guardados; (2) no que concerne aos alemães, jamais haviam pensado na existência de um anexo, "principalmente como esse tipo lhes era inteiramente desconhecido"; (3) a fumaça vinda do fogão "não lhes chamava a atenção já que nessa época a parte (onde se achavam localizados) servia como laboratório para a pequena fábrica, onde um fogão da mesma forma devia ter estado aceso todos os dias". As duas primeiras dessas três explicações vêm de um livreto de 36 páginas, sem título e sem data, impresso por Koersen, Amsterdam. A última vem do prospecto de quatro páginas que existe à entrada do museu. O teor dessas duas explicações recebeu o apoio do Sr. Otto Frank. Mas em todos os três casos tais explicações não têm o menor valor. O anexo era visível e evidente por mais de cem aspectos a partir do piso térreo (proibido a visitantes), do jardim, dos corredores de ligação em quatro níveis, das duas janelas do gabinete sobre o pátio, das casas vizinhas. Alguns dos "inimigos" tinham até mesmo de visitar o lugar para ir ao toalete, uma vez que *nada havia para esse fim* na casa da frente. O piso térreo da casa de trás dava até mesmo entrada a clientes do negócio. Quanto à "pequena fábrica" que se diz ter existido "nesse período", no próprio centro dessa vizinhança residencial e comercial, afirma-se ter permanecido pelo menos por dois anos sem emitir fumaça, e então, de repente, em 30 de outubro de 1942, afirma-se ter começado outra vez a emitir a fumaça. E que fumaça! Dia e noite! No inverno como no verão, no calor escaldante ou não. Aos olhos de todos (e de modo especial de "inimigos" como Lewin, que antes tivera seu laboratório químico ali), a "pequena fábrica" teria voltado a funcionar! Mas por que

o Sr. Frank força os miolos para encontrar essa explicação já que, em outros aspectos, o anexo se encontra descrito como uma espécie de casa-fantasma?

16. Concluindo este aspecto eu diria que se não estou enganado ao negar qualquer valor a tais "explicações", temos o direito de afirmar: (1) alguns fatos que são muito importantes para o Sr. Otto Frank continuam sem explicação; (2) o Sr. Otto Frank é capaz de formular enredos, mesmo estúpidos e medíocres, exatamente como aqueles que fiz ver em minha leitura crítica do *Diário*. Peço ao leitor para lembrar-se dessa conclusão e abaixo ele verá que resposta o Sr. Frank me deu pessoalmente, na presença de sua esposa.

17. Quanto à documentação fotográfica concernente à "Casa de Anne Frank", ver o Apêndice N.º 1.

Capítulo 3

18. *Entrevista da testemunha principal,* Sr. Otto Frank. Tal entrevista veio a se revelar esmagadora para o pai de Anne Frank.

19. Eu tinha feito saber ao Sr Otto Frank que com os meus estudantes estava preparando um estudo do *Diário*. Tornei claro que minha especialidade era o exame crítico de textos e documentos e necessitava de uma entrevista prolongada. O Sr. Frank me concedeu essa entrevista muito prontamente e foi assim que me recebeu em sua residência em Birsfelden, subúrbio de Basiléia, a primeira a 24 de março de 1977, das 10 da manhã à uma da tarde, e depois das 3 da tarde às 6, e finalmente no dia seguinte, das 9:30 da manhã a meio-dia e meia. Na verdade, no dia seguinte o lugar de encontro fora combinado em um banco na Basiléia. O Sr. Frank fazia questão de tirar de uma caixa forte de depósito e em minha presença o que ele chamava os originais de sua filha. Por esse motivo nossa entrevista foi efetuada nesse dia, parcialmente no banco e em parte na estrada de volta a Birsfelden e em parte, mais uma vez, na residência do Sr. Frank. Todas as entrevistas que ocorreram na sua residência contaram com a presença de sua esposa (a segunda, já que a primeira faleceu após ser deportada, tendo morrido de tifo, ao que parece, como morreram Margot e Anne). Após o primeiro minuto de nosso encontro eu declarei claramente ao Sr. e à Sra. Frank que tinha algumas dúvidas quanto

à autenticidade do *Diário*. O Sr. Frank não demonstrou surpresa alguma e declarou-se pronto a me proporcionar toda a informação que eu desejasse. Fiquei surpreendido no decurso desses dois dias pela afabilidade extrema do Sr. Frank. A despeito de sua idade — 88 anos — ele nunca utilizou a desculpa de seu cansaço para encurtar nossa entrevista. No *Diário* ele é descrito como homem cheio de encanto (ver 2 de março de 1944). Inspira confiança e é capaz de adivinhar os nossos desejos não declarados. Adapta-se de modo notável às situações e prazerosamente adota argumentação baseada na emoção. Fala muito em favor da tolerância e compreensão. Eu só o vi perder a paciência uma vez, e mostrar-se intransigente e violento; isso foi em relação à causa sionista, que deve ser sagrada para ele. Foi desse modo que me declarou que não mais põe sequer o pé em solo francês, pois em sua opinião a França não se interessa mais por coisa alguma a não ser pelo petróleo árabe e não se importa com Israel. Em apenas três questões o Sr. Frank fugiu à promessa de responder minhas perguntas. Mostra-se interessante saber que essas questões foram as seguintes: (1) o endereço de Elli, na Holanda; (2) os meios de redescobrir a pista do empregado da loja chamado V.M. no livro (sei que ele provavelmente se chama Van Maaren): (3) os meios de redescobrir o austríaco Karl Silberbauer, que havia prendido as pessoas escondidas em 4 de agosto de 1944.

20. No que tange a Elli o Sr. Frank declarou-me que estava muito adoentada e, sendo ela "não muito inteligente", de nada me valeria encontrá-la. Quanto às duas outras testemunhas, já tinham tido dificuldades suficientes para que eu as fosse importunar com perguntas, fazendo-as relembrar um passado infeliz. Procurando compensar isso o Sr. Frank me recomendou que entrasse em contato com Kraler (o nome real dele é Kugler), estabelecido no Canadá e com Miep e seu marido, ainda residentes em Amsterdam.

21. Com relação ao próprio *Diário* o Sr. Frank me disse que a base dele era autêntica e os acontecimentos relatados, verdadeiros. Tinha sido Anne e apenas Anne quem escrevera os originais desse *Diário*. Como qualquer autor literário Anne talvez tivesse algumas tendências, ao exagero ou a alterações pela imaginação, mas tudo se achava dentro de limites comuns e aceitáveis, sem deixar que a verdade dos fatos fosse prejudicada. Os originais de Anne formam um conjunto importante. O que o Sr. Frank apresentara aos editores não era o texto desses manuscritos, apenas o texto original, porém um texto que ele pessoalmente gravara

em fita: um "tapescrito". Fora obrigado a transformar os diversos originais, dessa maneira, em um só "tapescrito" por diversos motivos. Em primeiro lugar os originais apresentavam algumas repetições. Além disso continham algumas indiscrições. Havia também passagens destituídas de qualquer interesse. E por fim havia... algumas omissões! O Sr. Frank, observando minha surpresa, deu-me o exemplo seguinte (sem dúvida exemplos inofensivos, mas não existem outros mais sérios, que ocultou de mim?): Anne gostava muito de seus tios mas em seu *Diário* deixara de mencioná-los entre as pessoas a quem prezava; assim sendo o Sr. Frank consertara essa "omissão" mencionando tais tios no "tapescrito". Disse ele que efetuara mudanças em algumas datas! Da mesma forma mudara os nomes dos personagens. Tinha sido a própria Anne, ao que parece, quem certamente pensara em mudar esses nomes. Antevira a possibilidade de publicação. O Sr. Frank descobrira em um pedaço de papel a lista dos nomes verdadeiros com os nomes falsos equivalentes. Atribui-se a Anne o pensamento de chamar os Franks pelo nome Robin. O Sr. Frank retirara dos originais certas indicações sobre os preços das coisas. Mais importante que isso, achando-se ao menos em certos períodos na posse de duas versões diferentes do texto, sentira a necessidade de *"combinar"* (a palavra é dele) dois textos em um só. Resumindo todas essas transformações o Sr. Frank finalmente me disse: "Foi uma tarefa difícil. E eu a executei de acordo com minha consciência".

22. Os originais que o Sr. Frank me apresentou como sendo de sua filha formam um conjunto impressionante. Eu não tive o tempo de examiná-los detidamente e confiei na descrição que me foi dada; vou resumi-los da seguinte maneira:

A) A primeira data mencionada é 12 de junho de 1942; a última é 1º de agosto de 1944 (três dias antes de serem presos).
B) O período de 12 de junho a 5 de dezembro do mesmo ano (mas esta data não corresponde a qualquer carta que tenha sido impressa); temos à nossa disposição um caderninho de notas com capa enxadrezada de linho e um desenho vermelho branco e marrom ("o caderninho escocês").
C) O período de 6 de dezembro de 1942 a 21 de dezembro de 1943; não temos qualquer caderninho especial (mas veja abaixo, as folhas soltas). Esse caderninho, ao que se afirma, foi perdido.
D) O período de 2 de dezembro de 1942 a 17 de abril de

1944 e depois para o período desta mesma data de 17 de abril (!) à última carta (1º de agosto de 1944); dois cadernos de capa preta, encobertos com papel marrom.

23. A esses três cadernos e ao que desapareceu junta-se uma coleção de 338 folhas soltas para o período de 20 de junho de 1942 a 29 de março de 1944. O Sr. Frank disse que tais folhas constituem um resumo e um re-escrito, feitos pela própria Anne, de cartas que se acham em forma original nos caderninhos mencionados acima: o "caderninho escocês", o que desapareceu e o primeiro dos dois cadernos pretos.

24. Até esse ponto o total do que Anne é tida como havendo escrito durante seus vinte e cinco meses de esconderijo se encontra, portanto, em cinco volumes. A esse total podemos aduzir a coleção das *Estórias*. Essas *Estórias*, ao que se afirma, foram feitas por Anne. O texto é apresentado como cópia perfeita. A cópia só pode representar, para começarmos, um trabalho de redação a partir de rascunho; assim sendo, Anne deve ter tido muito trabalho em escrever!

25. Não tenho competência na questão de análise de caligrafia e portanto não posso exprimir opinião sobre esse aspecto do caso. Posso apenas apresentar aqui minhas impressões. Estas foram as de que o "caderninho escocês" continha algumas fotografias, quadros e desenhos, bem como uma variedade de estilos de escrita muito juvenis, a confusão e a fantasia parecendo conferir-lhes autenticidade. Seria preciso examinar detidamente a caligrafia dos textos que foram usados pelo Sr. Frank a fim de formar a base do *Diário*. Os outros cadernos e todo o conjunto das 338 folhas soltas se encontram no que eu chamaria de caligrafia adulta. No que tange aos manuscritos das *Estórias*, tive grande surpresa. Seria de dizer que se tratava do trabalho de um escritor experiente e não da obra de uma menina com quatorze anos de idade. O resumo é apresentado como lista das *Estórias* com a data de composição, título e número de páginas para cada uma dessas peças!

26. O Sr. Frank tinha em alta conta as conclusões dos dois relatórios técnicos solicitados, por volta de 1960, pelo promotor em Lubeck, a fim de examinar o caso de um professor (Lothar Stielau) que em 1959 exprimira dúvidas quanto à autenticidade do *Diário* (caso do 2Js 19/59, VU 10/59). O Sr. Frank apresentara queixa contra esse professor. O relatório caligráfico fora confiado à Sra. Minna Becker. A Sra. Annemarie Hubner fora encarregada

de atestar que os textos impressos em holandês e alemão eram fiéis aos textos dos originais. Os dois relatórios técnicos apresentados como evidência em 1961 mostravam-se favoráveis ao Sr. Frank.

27. Por outro lado, todavia, o que o Sr. Frank não me revelou — eu tive que descobrir após minha visita, e isso junto a uma fonte alemã — é que o promotor em Lubeck resolvera solicitar um terceiro relatório técnico. Por que um terceiro relatório? E sobre qual aspecto, tendo em vista que de acordo com todas as aparências já fora explorada a totalidade do terreno a ser investigado pelo técnico de caligrafia e pela Sra. Hubner? A resposta a essas perguntas encontra-se no seguinte: o promotor achou que um relatório técnico do tipo feito pela Sra. Hubner arriscava-se a declarar que Lothar Stielau tinha razão no que alegava. Diante das primeiras análises ia tornar-se impossível declarar que o *Diário* era *"dokumentarish echt"* (documentariamente genuíno" (!). Talvez pudessem fazê-lo declarar *"literarish echt"* ("literariamente genuíno") (!). O novelista Friedrich Sieburg se encarregaria de responder a essa pergunta singular.

28. Desses três relatórios técnicos apenas o da Sra. Hubner teria sido de real interesse para mim. A 20 de janeiro de 1978 uma carta da Sra. Hubner me deu esperanças de obter um exemplar do seu relatório técnico. Pouco tempo depois, como a Sra. Hubner não respondeu às minhas cartas, pedi a um amigo alemão que lhe telefonasse. Ela lhe disse então que "a questão era muito delicada, tendo em vista que um julgamento sobre o caso do *Diário* se achava em trâmite em Frankfurt". Disse mais que entrara em contato com o Sr. Frank. De acordo com os poucos elementos que possuo sobre o teor desse relatório técnico, afirma ter sido ali notado um número elevado de *fatos* que se mostravam interessantes do ponto de vista da comparação dos textos (originais, "tapescrito", texto holandês, texto alemão). A Sra. Hubner, ao que me afirmou o amigo, mencionou ali "omissões" muito numerosas *(Auslassungen)*, "acréscimos" *(Zusatze)*, e "interpolações" *(Interpolationen)*. Ao que se afirma ela falou do texto "adaptado" às necessidades de publicação *(überarbeitet)*. Ademais se afirma que ela foi a ponto de dar o nome de algumas pessoas que alegadamente prestaram sua "colaboração" *(Zusammenarbeit)* ao Sr. Frank em sua redação do "tapescrito". Tais pessoas, ao que se afirma, colaboraram na redação de texto alemão, em vez de ela se ter contentado com o papel de tradutora.

29. A despeito desses fatos que ela própria fez ver, a Sra. Hubner, ao que afirmam, concluí pela autenticidade do *Diário* (texto impresso holandês e texto impresso alemão). Ao que se afirma, portanto, ela exprimiu a seguinte opinião: "Esses fatos não são importantes". Ora, tal opinião pode ser apenas uma opinião pessoal dela. Temos toda a questão: quem nos garante que um outro juízo inteiramente diferente não adviria sobre os *fatos* apontados pelo perito? Ademais, para começar, o perito por acaso demonstrou imparcialidade e espírito realmente científico ao dar nomes aos *fatos,* como ela o fez? O que ela chamou por exemplo de "interpolações" (palavra com aspecto científico e significado ambíguo) não seria chamado por outros de "retoques", "alterações", "inserções" (palavras sem dúvida mais exatas e mais precisas)? Do mesmo modo as palavras como "acréscimos" e de modo especial "omissões" são neutras em aspecto mas, na realidade, ocultam algumas realidades confusas: um "acréscimo" ou uma "omissão" pode ser honesto ou desonesto; pode não alterar coisa alguma que seja importante num texto ou pode alterar, contrariamente, de modo profundo. No caso particular que nos interessa aqui, essas duas palavras têm aspecto francamente benevolente!

30. De qualquer modo mostra-se impossível considerar essas três opiniões peritas (Becker, Hubner e Sieburg) como concludentes uma vez que não foram examinadas por um tribunal. Na verdade, por alguns motivos dos quais não estou a par, o Sr. Frank viria a retirar sua queixa contra Lothar Stielau. Se minha informação for correta, Stielau concordou em pagar 1.000 marcos dos 15.712 marcos do custo da ação judicial iniciada. Suponho que o Sr. Frank tenha pago ao tribunal de Lubeck esses 1.000 marcos e tenha aduzido a essa soma os 14.712 marcos, de seu próprio bolso. Relembro que o Sr. Frank me disse que Lothar Stielau havia, além disso, concordado em vir apresentar desculpas por escrito. Lothar Stielau perdera o emprego como professor, ao mesmo tempo. O Sr. Frank não me falou sobre Heinrich Buddeberg, co-acusado com Lothar Stielau. Talvez o próprio Buddeberg tenha também tido de apresentar 1.000 marcos, bem como desculpas.

31. Detenho-me aqui nessas questões e laudos técnicos apenas devido ao fato de que em nossa entrevista o Sr. Frank igualmente se prolongou na questão, embora não mencionasse certos fatos importantes (por exemplo, a existência de um terceiro laudo técnico) e se limitasse a me apresentar as duas opiniões peritas como sendo concludentes. A questão dos originais não me interessava

muito, aliás. Eu sabia que não teria tempo para examiná-los detidamente. O que me interessou acima de tudo foi saber como o Sr. Frank teria explicado a mim a "quantidade inexplicável de fatos improváveis ou inconcebíveis" para os quais eu chamara a atenção ao ler o *Diário*. Afinal de contas o que importa se alguns originais, mesmo declarados autênticos por alguns peritos, contenham tais tipos de fatos, ainda que os mesmos não houvessem existido? Mas o Sr. Frank viria a se demonstrar incapaz de me fornecer a menor explicação. Em minha opinião ele contava ver a autenticidade do *Diário* posta em dúvida pelos argumentos comuns, do tipo psicológico, literário ou histórico, mas não contava com argumentos de crítica interna tendo a ver com a realidade da vida material: as realidades, que como se sabe são teimosos. Em momento de confusão o Sr. Frank declarou-me, além disso: "Mas... *Eu nunca pensei sobre essas questões materiais!*"

32. Antes de abordar alguns exemplos exatos dessa confusão, devo à causa da verdade dizer que em duas ocasiões o Sr. Frank me deu boas respostas e as mesmas se referiam a dois episódios que não mencionei até agora, exatamente porque requeriam uma explicação. O primeiro foi incompreensível a meus olhos, devido a pequena omissão na tradução francesa (eu não tinha nessa ocasião o texto em holandês). O segundo episódio me pareceu incompreensível devido a um erro que se apresenta em todos os textos impressos do *Diário*. Onde, na data de 8 de julho de 1944, se trata de questão de um verdureiro homem, o original diz: "a vendedora de legumes" ("gênero feminino tornado muito claro"). E isso vem a calhar, pois um leitor cuidadoso do livro sabe muito bem que o verdureiro em questão não podia ter feito a entrega, aos que se achavam escondidos, de "19 libras de ervilhas frescas" (!) em 8 de julho de 1944 pelo excelente motivo de que havia sido preso 45 dias antes pelos alemães, por um dos motivos mais sérios (ele abrigara dois judeus em sua casa). Tal fato o colocara "na beira de um abismo" (25 de maio de 1944). Mostra-se difícil compreender como um verdureiro salta de "o abismo" para poder assim entregar a alguns outros judeus tal quantidade de mercadoria comprometedora. A bem da verdade não se mostra possível compreender muito bem a esposa desse vendedor infortunado, mas o fato ali está, o texto do original não se mostra absurdo como o texto das edições holandesa, francesa, alemã e inglesa. O autor do original tinha sido mais cauteloso. Resta-nos que o erro dos textos impressos talvez não tenha sido um erro, mas na verdade

uma correção deliberada e infeliz desse original. Lemos, na verdade, no texto holandês impresso: "van der groenteboer om de hoek, 19 pond" (grita Margot); e Anne responde: "Dat is aarding van hem." Em outras palavras, Margot e Anne usaram o masculino em duas ocasiões; "do (masculino) verdureiro na esquina... 19 libras", a resposta de Anne: "é muita gentileza dele". De minha parte eu extrairia duas outras conclusões a partir desse episódio: (1) a crítica interna referente à coerência de um texto permite-nos perceber algumas anomalias que se revelam como anomalias verdadeiras; (2) o leitor do *Diário,* tendo chegado a esse episódio de 8 de julho de 1944, teria razão em declarar absurdo um livro no qual o herói ("o gentil verdureiro da esquina") sobe em um salto, vindo das profundidades do abismo, como alguém que se levantasse do túmulo.

33. Esse verdureiro, ao que me disse o Sr. Frank, chamava-se Van der Hoeven. Deportado por ter mantido judeus em sua casa, ele regressou da deportação. Na época das cerimônias comemorativas ele voltara, para surgir ao lado do Sr. Frank. Perguntei ao Sr. Frank se após a guerra algumas pessoas de vizinhança haviam declarado a ele: "Desconfiávamos da presença de pessoas escondidas no número 263 de Prinsengracht". O Sr. Frank respondeu-me claramente que ninguém suspeitara de sua presença, incluindo os homens da loja, incluindo Lewin e incluindo também Van der Hoeven. Este último, ao que afirmam, ajudou-os sem saber disso!

34. A despeito de minhas perguntas repetidas quanto a essa questão o Sr. Frank não pôde me dizer o que seus vizinhos no Nº 261 vendiam ou faziam. Não se lembrava de que houvesse em sua própria casa, no Nº 263, uma dona de casa descrita no livro como possível "inimiga". Terminou dizendo-me que ela era "muito, muito velha" e que só saía muito raramente, talvez uma vez por semana. Eu lhe disse que ela devia ter ficado espantada ao ver de repente a instalação do "aparador giratório" no patamar do segundo andar. E ele respondeu que não, dado ao fato de que essa dona de casa nunca fora ali. A resposta viria a provocar pela primeira vez uma espécie de discussão entre o Sr. Frank e a esposa, que se achava presente à nossa entrevista. Antes disso eu na verdade tomara a precaução de fazer o Sr. Frank tornar bem claro a mim que os que se achavam escondidos jamais haviam feito qualquer arrumação da casa a não ser por limpar uma parte do anexo. A conclusão lógica das duas afirmações do Sr. Frank tornou-se, portanto: "Por vinte e cinco meses ninguém fizera limpeza

alguma no patamar do segundo andar". Diante dessa improbabilidade a Sra. Frank irrompeu de repente para dizer ao marido: "Bobagem! Nenhuma limpeza nesse patamar! Numa fábrica! Nesse caso a poeira estaria desta grossura!" O que a Sra. Frank podia ter dito também é que o patamar, ao que afirmam, teria servido de passagem para as pessoas escondidas, em suas idas e vindas entre o anexo e a casa dianteira. A trilha de suas idas e vindas se teria tornado evidente em meio a tanta poeira acumulada, mesmo sem levarmos em conta a poeira vinda do carvão trazido do pavimento interior. Na verdade o Sr. Frank não poderia ter dito a verdade quando falou desse modo sobre uma espécie de arrumadeira fantasma para uma casa tão grande e tão suja.

35. Em diversas ocasiões, ao início de nossa entrevista, o Sr. Frank tentou desse modo fornecer algumas explicações que afinal não explicavam coisa alguma e que o levaram, ao contrário, a alguns impasses. Devo dizer aqui que a presença de sua esposa viria mostrar-se particularmente útil. A Sra. Frank, que estava muito bem familiarizada com o *Diário,* acreditara de modo óbvio, até então, na autenticidade do mesmo, bem como na sinceridade do marido. Sua surpresa mostrou-se ainda mais acentuada diante da qualidade terrível das respostas dadas pelo Sr. Frank às minhas perguntas. Quanto a mim mesmo, guardo a recordação dolorosa do que eu chamaria de certas "compreensões" por parte da Sra. Frank. Não desejo de modo algum dizer que a Sra. Frank hoje encara o marido como mentiroso mas afirmo que ela tinha consciência bem forte, na ocasião de nossa entrevista, das anomalias e absurdos sérios de todo o relato de Anne Frank. Ouvindo as "explicações" dadas pelo marido, passou a usar com ele algumas expressões do seguinte tipo:

"Bobagens!"
"O que você diz é inacreditável!"
"Um aspirador de pó! Inacreditável! Eu nunca notei isso!"
"Mas você foi, mesmo estouvado!"
"Isso foi realmente temerário!"

A observação mais importante feita pela Sra. Frank foi a seguinte: "Tenho a certeza que as pessoas (da vizinhança) sabiam que você estava lá". De minha parte eu preferiria dizer: "Tenho a certeza que as pessoas de vizinhança teriam visto, ouvido e cheirado a presença daquelas que se escondiam, se de fato houve pessoas escondidas nessa casa por vinte e cinco meses".

36. Quero dar outro exemplo das explicações vindas do Sr. Frank. Pelo que diz, as pessoas que trabalhavam na casa dianteira não podiam ver a parte principal do anexo devido ao "papel de cobertura nas vidraças". Tal afirmação, que se encontra no folheto do "museu", me foi repetida pelo Sr. Frank na presença da esposa. Sem fazer pausa diante dela, passou a outro assunto: o consumo de eletricidade. Fiz a observação de que o consumo de eletricidade na casa deve ter sido elevado. Como o Sr. Frank parecia surpreso por tal observação eu a enunciei com precisão: "Esse consumo deve ter sido elevado já que a luz elétrica esteve acesa todo o dia no gabinete que dava para o pátio e na loja dando para o pátio na casa da frente". O Sr. Frank disse-me então: "Por que isso? A luz elétrica não é necessária em plena luz do dia!" Indiquei a ele como aqueles aposentos não podiam receber a luz do dia sabendo que as janelas estavam com "papel de cobertura" nas vidraças. O Sr. Frank me disse então que esses aposentos não eram tão escuros: resposta desconcertante que se punha em contradição com a afirmação no folheto escrito por ele: "Os condimentos devem ser mantidos na escuridão..." (página 27 do folheto de 36 páginas mencionado acima, no parágrafo 15). O Sr. Frank atreveu-se então a acrescentar que mesmo assim o que uma pessoa veria nessas janelas dando para o pátio era apenas uma parede. E detalhou, contrariamente a todas as provas, que as pessoas não viam que se tratava de parede de uma casa! Esse detalhe contradizia a passagem seguinte do mesmo prospecto: "Assim sendo, embora se pudesse ver janelas, não dava para ver por elas e todos aceitavam naturalmente que elas davam para o jardim" *(ibidem)*. Perguntei se essas janelas encobertas eram, ainda assim, abertas às vezes, quando mais não fosse para arejar o gabinete onde recebiam visitas, ainda que fosse apenas no verão, nos dias muito quentes. A Sra. Frank concordou comigo nesse ponto e observou que tais janelas deviam de qualquer maneira ser abertas às vezes. *Silêncio* do Sr. Frank.

37. A lista dos ruídos deixou o Sr. Frank, e de modo especial sua esposa, perplexos. No que tange ao aspirador de pó o Sr. Frank ficou sobressaltado e me declarou: *"Mas não podia haver um aspirador de pó por lá"*. E depois, diante de minha garantia de que houvera um, ele começou a gaguejar. Disse-me então que se realmente tivesse havido um aspirador de pó eles o teriam feito funcionar na noitinha, quando os empregados (os "inimigos") já haviam deixado a casa da frente, após o trabalho. Fiz ver que

o ruído de um aspirador de pó dessa época teria sido muito mais bem ouvido pelos vizinhos (as paredes eram "finas", 25 de março de 1943), quando teria ocorrido em aposentos vazios ou próximos a aposentos vazios. Revelei-lhe que de qualquer modo a Sra. Van Daan, ao que lhe era atribuído, teria usado o aspirador de pó todos os dias, regularmente, por volta das 12:30 da tarde (provavelmente com a janela aberta). *Silêncio* do Sr. Frank enquanto sua esposa se punha perceptivelmente comovida. O mesmo *silêncio* quanto ao relógio despertador, com o seu toque às vezes fora de hora (4 de agosto de 1943). O mesmo *silêncio* quanto à retirada das cinzas, de modo especial nos dias muito quentes. O mesmo silêncio quanto ao empréstimo, feito pelas pessoas escondidas, do abastecimento de carvão (um artigo raro) que era comum a toda a casa. Silêncio também quanto à questão das bicicletas usadas, após terem sido confiscadas e após a proibição de seu uso pelos judeus.

38. Uma série de perguntas permaneceu, portanto, sem resposta ou mesmo deu início a uma série de explicações, pelas quais o Sr. Frank fez piorar a sua posição. Depois disso o Sr. Frank teve, por assim dizer, uma inspiração: uma fórmula mágica. Essa fórmula era a seguinte: "Sr. Faurisson, o senhor está teórica e cientificamente certo. *Eu concordo com o senhor cem por cento...* O que o senhor me fez ver era de fato impossível. Mas *na prática* foi assim mesmo que as coisas aconteceram". Fiz ver ao Sr. Frank que sua afirmação me perturbava. Ele disse que era quase como se ele concordasse comigo em que uma porta não pode estar ao mesmo tempo aberta e fechada e como se, a despeito disso, ele afirmasse que tinha visto tal porta. Fiz-lhe ver, com relação a outra questão, que as palavras "cientificamente" e "teoricamente" e "na prática" eram desnecessárias e apresentavam uma distinção destituída de sentido já que, de qualquer modo, "teoricamente", "cientificamente" ou "praticamente" uma porta ao mesmo tempo aberta e fechada simplesmente não pode existir. Aduzi que preferiria para cada pergunta determinada uma resposta adequada ou, se fosse preciso, nenhuma resposta.

39. Perto do início de nossa entrevista o Sr. Frank havia feito do modo mais amistoso do mundo uma concessão *maior*, concessão que anunciei antes, no parágrafo 16. À medida que eu o levava a compreender que julgava absurdas as explicações dadas por ele em seus prospectos, tanto no que tocava à ignorância dos alemães sobre a arquitetura típica das casas holandesas quanto sobre a presença de fumaça constantemente acima do teto do anexo

("a pequena fábrica"), ele quis admitir logo de início e sem qualquer insistência de minha parte que se tratava de uma questão de puras *invenções* de sua parte. Sem usar, reconheço, a palavra *"invenções"*, ele me disse na substância de suas palavras: "O senhor tem toda a razão. Nas explicações que são dadas aos visitantes é necessário simplificar. Isso não é tão sério. Faz-se preciso tornar a coisa agradável aos visitantes. Este não é o meio científico de fazer as coisas. Nem sempre se pode ser científico".

40. Essa observação confidencial nos esclarece sobre o que acredito ser um traço do caráter do Sr. Frank: ele tem a percepção do que agrada o público e busca adaptar-se a ela, ficando à vontade para tomar certas liberdades com a verdade. O Sr. Frank não é pessoa que busque para si próprio uma dor de cabeça e ele sabe que o público em geral se satisfaz com pouco. O público em geral busca uma espécie de reconforto, uma espécie de sonho, uma espécie de mundo fácil onde lhe sirvam exatamente o tipo de emoção que o confirma em seus hábitos de sentir, ver e raciocinar. Aquela fumaça sobre o teto podia perturbar o público em geral? O que importa? Apresentamos uma explicação que não precisa ser provável, porém *simples,* e se for necessário, simples e tosca. A perfeição se alcança se tal invenção confirma algumas idéias aceitas ou sentimentos habituais: por exemplo, é muito provável que para aqueles que amassem Anne Frank e viessem a visitar sua casa os alemães sejam brutos e animais; pois bem, encontrarão uma confirmação disso nas explicações do Sr. Frank: os alemães foram a tal ponto que não se aperceberam da arquitetura típica das casas em Amsterdam *(sic!).* De um modo geral o Sr. Frank me pareceu, em mais de uma ocasião, um homem destituído de *finesse* (mas não de astúcia), para quem uma obra literária é, em sua relação com a realidade, uma forma de dispositivo permitindo mentir, um domínio onde alguém toma certas liberdades com a verdade, uma coisa que "não é tão séria" e que permite escrever quase o que se bem quiser.

41. Pedi ao Sr. Frank as explicações que ele pudesse me dar para os dois casos nos quais concordara que nada dissera de sério aos visitantes. Não soube me responder. Perguntei-lhe sobre o arranjo geral das dependências, pois eu observara algumas anomalias na planta da casa, tal como está reproduzida – pelo Sr. Frank – em todas as edições do *Diário.* Tais anomalias haviam sido confirmadas por mim na visita que fiz ao museu (levando em conta as modificações efetuadas nas dependências a fim de transformá-las em um museu). Foi então que mais uma vez o Sr.

Frank se viu levado, diante das provas físicas, a fazer-me algumas concessões novas e importantes, de modo especial como veremos com relação ao "aparador giratório". Ele começou reconhecendo que o diagrama da planta não devia ter escondido do leitor que o pequeno pátio que separa a casa dianteira do anexo era comum ao Nº 263 (a casa Frank) e ao Nº 265 (a casa de seus vizinhos e "inimigos"). Também se mostra bizarro que no *Diário* não fosse feita a menor alusão ao fato que, para as pessoas escondidas, era de importância extrema. O Sr. Frank reconheceu então que o diagrama da planta levava as pessoas a crer que no terceiro andar o teto não era acessível; mas que esse teto era acessível por uma porta do anexo e que podia muito bem ter oferecido à polícia ou aos "inimigos" um modo fácil de acesso ao próprio centro das dependências habitadas pelas pessoas ali escondidas. De modo final e especial o Sr. Frank concedeu-me que o *"aparador giratório"... não fazia sentido algum.* Reconheceu que esse truque não poderia em caso algum ter impedido uma busca ao anexo, vendo que esse anexo era acessível de outros modos e especialmente do modo mais natural de todos – a porta de entrada que dava para o jardim. Tal evidência, é bem verdade, não surge como tal no esquema, já que o esquema não contém qualquer desenho de todo o piso térreo. Quanto aos visitantes do museu, eles não têm acesso a esse mesmo piso térreo. Aquele famoso "aparador giratório" tornou-se assim uma invenção estranhíssima das "pessoas escondidas". Temos de achar que nesse caso a feitura desse "aparador giratório" foi uma tarefa perigosa. A destruição dos degraus da escada, a montagem desse aparador falso, a mudança da passagem dando para um beco sem saída à vista, tudo isso só poderia chamar a atenção dos "inimigos". Tudo havia naturalmente sido sugerido por Kraler e levado a efeito por Vossen (21 de agosto de 1942)!

42. Quanto mais minha entrevista prosseguia, tanto mais se tornava visível o embaraço do Sr. Frank. Mas sua afabilidade não faltou, muito ao contrário. Ao fim o Sr. Frank se levou a empregar um argumento sentimental, aparentemente inteligente e em tom de bonomia. Seu argumento era o seguinte: "Sim, concordo com o senhor, fomos um pouco imprudentes. Certas coisas foram um tanto perigosas, é necessário reconhecer isso. Pode até mesmo ter sido o motivo pelo qual fomos finalmente presos. Mas eu não acredito, Sr. Faurisson, que as pessoas estivessem desconfiando, nessa ocasião". Essa argumentação curiosa prosseguiu para sugerir ao Sr. Frank frases como: "As pessoas eram decentes!" ou "Os holandeses

eram bons!" ou mesmo, em duas ocasiões: "A polícia era boa!".

43. Tais frases apresentavam apenas um inconveniente: tornavam absurdas todas as "precauções" arroladas no livro. Em certa medida até mesmo o privavam de todo o sentido. O livro narrava, como coisas reais, a aventura trágica de oito pessoas perseguidas, forçadas a se esconder, sepultar-se vivas por vinte e cinco meses em meio a um mundo ferozmente hostil a elas. Nesses "dias no túmulo" apenas algumas pessoas escolhidas sabiam de sua existência e lhes prestavam ajuda. Pode-se dizer que ao recorrer a seus últimos argumentos o Sr. Frank tentou com uma das mãos preencher as rachaduras em um trabalho que, com a outra mão, ele estava desmantelando.

44. Na noitinha de nosso primeiro dia de entrevista o Sr. Frank me entregou o seu próprio exemplar, em francês, do livro escrito por Ernst Schnabel: *Spur eines Kindes* (título francês: *Sur les traces d'Anne Frank;* título em inglês: *Anne Frank: A Portrait in Courage*). Disse-me que talvez eu encontrasse nesse livro algumas respostas a algumas de milhares perguntas. As páginas desse exemplar não estavam cortadas. Devo mencionar que o Sr. Frank fala e compreende francês, mas o lê com um pouco de dificuldade. (Devia tornar claro aqui que todas as nossas entrevistas se efetuaram em inglês, idioma que o Sr. Frank domina com perfeição. Ainda não li o livro, já que a observância rigorosa dos métodos adequados à crítica interna pura obriga a não ler coisa alguma sobre uma obra enquanto não se obteve *pessoalmente* uma idéia clara sobre tal trabalho. Durante a noite que antecedeu nossa segunda entrevista percorri o livro rapidamente. entre uma dúzia de questões que me levaram à confirmação de que o *Diário* se trata de uma fábula (a despeito do fato de que Schnabel fez muitos esforços para nos convencer do contrário), chamo a atenção para uma passagem notável, à página 151 do texto francês. Esse trecho diz respeito ao Sr. Vossen, o homem que ao que parece se dedicara, como carpinteiro, a fazer o "aparador giratório" destinado a esconder as pessoas ali refugiadas (*Diário,* 21 de agosto de 1942). "O bom velho Vossen deveria trabalhar no 263 de Prinsengracht. Ele manteve as pessoas ali escondidas a par de tudo o que acontecia na loja. Mas a enfermidade o obrigara a retirar-se para a sua própria casa, onde a filha Elli vinha ter com ele após suas próprias horas de trabalho". A 15 de junho de 1943 Anne se referiu a ele como um amigo precioso, mas que, se formos acreditar em uma observação feita por Elli e apresentada por Schnabel, o bom velho Vossen...

não sabia da existência dos Franks no 263 de Prinsengracht! Elli relata, na verdade, que a 4 de agosto de 1944, ao regressar à sua residência, informou ao pai que os Franks haviam sido presos. O texto francês de Schnabel diz: "Eu estava sentada na beira da cama e lhe contei tudo. Meu pai gostava muito do Sr. Frank, a quem conhecera por muito tempo. Ele não estava a par do fato de que os Franks não haviam viajado para a Suíça, como se afirmava, mas se tinham escondido na Prinsengracht". O que se mostra incompreensível, todavia, é que Vossen houvesse acreditado nesse boato, pois por cerca de um ano ele vira os Franks em Prinsengracht, falara com eles, ajudara-os e se tornara seu amigo. E então, quando devido à sua saúde deixara o trabalho na Prinsengracht, sua filha Elli pôde mantê-lo a par do que ocorria com os seus amigos, os Franks.

45. O Sr. Frank não foi capaz de me explicar essa passagem no livro de Schnabel. Acorrendo aos textos alemão e inglês da mesma obra, efetuou uma descoberta surpreendente: todo o trecho no qual Elli falara com o pai aparecia de fato, nesses outros textos, mas vejo que faltava a frase que se iniciava com: "Ele não estava a par do fato de que..." e terminando com: "da Prinsengracht". No texto francês Elli prosseguia: "Il ne dit rien. Il restait couché en silence". Para comparação, eis seu texto alemão:

> Ich Setze mich zu ihm ans Bett und habe ihm alles gesagt. Er hing sehr an Herrn Frank, denn er kannte ihm lange (trecho em falta). Gesagt hat er nichts. Er hat nur dagelegen. (Anne Frank / Ein Bericht von Ernst Schnabel, *Spur eines Kindes,* Fisher Bucherei, 1958, 168 páginas, p. 115.)

E aqui temos o texto em inglês:

> I sat down beside his bed and told him everything. He was deeply attached to Mr. Frank, who he had know a long time (passage missing). He said nothing. (Anne Frank: A Portait in courage, Ernst Schnabel, Translated from the German by Richard and Clara Winston, Harbrace Paperback Library, Harcourt, Brace & World, Inc., New York, 1958, 181 pages, p. 132.)

E aqui em português:

> Sentei-me ao lado de sua cama. Ele era muitíssimo ligado

ao Sr. Frank, que conhecera por muito tempo (trecho faltando). Ele nada disse. (Anne Frank: Um retrato da coragem, Ernst Schnabel, traduzido ao alemão por Richard e Clara Winston, Harbrace Paper Back Library, Harcourt, Brace & World, Inc., New York, 1958, 181 páginas, p. 132.)

46. Após regressar à França foi fácil para desvendar esse mistério: com base em muitas outras passagens no texto francês tornou-se evidente que tinham havido duas versões originais em alemão. A primeira versão de Schnabel deve ter sido enviada em "tapescrito" à casa editora francesa de Albin Michel, de modo que com base na mesma, Schnabel, ou muito provavelmente o Sr. Frank, passara a fazer essa problemática referência sobre Vossen. Em seguida Fisher publicou essa versão corrigida, mas na França eles haviam feito o trabalho a toda pressa e o livro já saíra das impressoras, era tarde demais para corrigi-lo. Anoto, além disso, uma curiosidade bibliográfica: meu exemplar de *Sur les traces d'Anne Frank* (traduzido do alemão por Marthe Metzger Éditions Albin Michel, 1958, 205 páginas) apresenta uma referência a "18 milheiros" e sua data de término da impressão fora em *fevereiro* de 1958 mas o primeiro milheiro da edição alemã *original* foi em *março* de 1958. A tradução, portanto, na verdade apareceu antes do original.

47. Resta naturalmente saber o motivo pelo qual Ernst Schnabel ou o Sr. Frank haviam julgado adequado prosseguir com essa correção notável. resta então o fato de que o Sr. Frank demonstrou mais uma vez sua confusão diante dessa outra anomalia. Nós nos separamos na mais penosa das atmosferas, onde cada sinal de afabilidade que o Sr. Frank me dedicara me embaraçava um pouco mais. Logo após meu regresso à França escrevi ao Sr. Frank a fim de agradecer sua hospitalidade e pedir o endereço de Elli.

Ele me respondeu de modo agradável, pedindo-me para lhe enviar o exemplar francês do livro de Schnabel e sem me falar sobre Elli. Devolvi seu exemplar, voltando a pedir o endereço dela. Não obtive resposta, dessa vez. Telefonei-lhe em Birsfelden e ele me respondeu que não me daria aquele endereço, de modo especial agora que eu enviara a Kraler (Kugler) uma carta "idiota". Voltarei a me referir a essa carta.

Capítulo 4

48. Exame *bibliográfico:* alguns silêncios e revelações curiosos.

49. O livro antes mencionado, escrito por Schnabel *(Anne Frank: A Portrait in Courage)* apresenta algumas omissões curiosas, enquanto o artigo longo e sem assinatura que *Der Spiegel* (1º de abril de 1959, pp. 51-55) dedicado ao *Diário,* na esteira do caso Stielau, nos traz algumas revelações curiosas. O título desse artigo é eloqüente: "Anne Frank. Was Schrieb das Kind?" ("Anne Frank. O que escreveu a criança?")

50. Ernst Schnabel defendia abertamente Anne Frank e Otto Frank. Seu livro é relativamente rico em tudo que antecede e em tudo que sucede nos vinte e cinco meses de sua vida em Prinsengracht. Por outro lado mostra-se muito pobre no que diz respeito a esses vinte e cinco meses. Seria de dizer que as testemunhas diretas (Miep, Elli, Kraler, Koophuis, Henk) nada têm a dizer sobre esse período muito importante. Por que se mostram silenciosos desse modo? Por que somente empregaram lugares-comuns como: "Quando tomamos nosso prato de sopa lá em cima, com eles, ao meio-dia..." (página 114)* ou: "Sempre almoçávamos juntos..." (página 117)? Nenhum detalhe concreto, nenhuma descrição, nenhum caso encontramos ali que por sua precisão desse a impressão de que as pessoas escondidas e seus amigos fiéis comessem regularmente juntos desse modo, ao meio-dia. Tudo se apresenta como envolto numa espécie de nevoeiro. Mas essas testemunhas foram interrogadas apenas treze anos quando muito, após a prisão dos Franks e algumas delas como Elli, Miep e Henk ainda eram jovens. Não me refiro a numerosas outras pessoas a quem Schnabel erroneamente chama "testemunhas" mas que na verdade jamais conheceram ou mesmo estiveram na presença dos Franks. É o caso, por exemplo, do famoso "verdureiro", o *"Gemüsemann";* "ele não conheceu os Franks, em absoluto" (página 82). De um modo geral a impressão que extraí da leitura do livro de Schnabel é a seguinte: essa Anne Frank realmente existia; ela tinha sido uma meninazinha sem grande caráter, sem personalidade forte, sem precocidade eru-

*Nota do tradutor ao inglês: Esta e todas as referências a páginas subseqüentes ao livro de Schnabel se referem à tradução inglesa publicada por Harbrace Paperback Library, New York, 1958.

dita (até mesmo ao contrário) e ninguém desconfiava de que possuísse aptidão para escrever; essa criança infeliz conheceu os horrores da guerra; fora presa pelos alemães; tinha sido internada e depois deportada; passara pelo campo de Auschwitz-Birkenau; tinha sido separada do pai; a mãe falecera no hospital em Birkenau a 6 de janeiro de 1945. Em aproximadamente outubro de 1944 ela e a irmã foram transferidas para o campo em Bergen-Belsen; Margot morreu de tifo; e então, por sua vez, Anne, sozinha no mundo, também morreria de tifo em março de 1945. São alguns aspectos sobre os quais as testemunhas não hesitavam em falar. Mas em todas elas sentimos desconfiança, na presença da lendária Anne, que tinha sido capaz de apanhar a caneta como nós dissemos, capaz de manter esse *Diário* e escrever essa estória e escrever "o início de uma novela", etc. O próprio Schnabel tem uma frase muito reveladora ao declarar: "Minhas testemunhas tinham muito a dizer sobre Anne como pessoa; levaram em conta a lenda apenas com grande reticência ou tacitamente ignorando-a. Embora não a contestassem com uma só palavra, fica a impressão de que estavam a se reprimir. *Todos eles leram o diário da Anne; nenhum deles o mencionou*". Mesmo Kraler, que enviara longa carta a Schnabel, de Toronto, não fez sequer menção ao *Diário* ou aos demais escritos de Anne (página 87). Kraler é a única testemunha direta a contar um caso ou dois sobre Anne mas, de modo muito curioso, ele situa esses casos no período de tempo quando os Franks ainda viviam em seu apartamento em Merwedeplein, antes do seu "desaparecimento" ("antes de irem para o esconderijo", página 87). Apenas na edição corrigida encontramos esse segundo caso situado em Prinsengracht, mesmo "quando eles estavam no anexo secreto" (página 88). As testemunhas não queriam que seus nomes fossem publicados e as duas testemunhas mais importantes (o "traidor provável" e o policial austríaco) não foram questionadas, nem mesmo procuradas. Há tentativa de Schnabel, em diversas ocasiões, de explicar essa falha curiosa (páginas 8, 139 e todo o resto do capítulo dez). Ele chega a ponto de apresentar uma espécie de defesa para o oficial que efetuou a prisão! Uma pessoa, ainda assim, menciona o *Diário,* mas isso é a fim de chamar atenção para uma passagem nesse diário que parece bizarra, referente à escola Montessori, da qual era a diretora (página 40). O próprio Schnabel trata o *Diário* de modo estranho. Como explicar, na verdade, o corte que ele faz quando cita uma passagem como a de sua página 123? Citando uma longa passagem da carta de 11 de

abril de 1944 em que Anne fala da incursão policial seguida ao roubo, ele deixa de fora a frase em que Anne apresenta a razão principal de sua perturbação; essa razão era que a polícia, ao que parecia, foi a ponto de desferir no "aparador giratório" alguns golpes fortes. ("Isto, e quando a polícia sacudia a porta do aparador, foram meus piores momentos"). Não teria Schnabel pensado, como qualquer pessoa sensata, que tal trecho é absurdo? De qualquer modo ele nos conta que visitou o número 263 da Prinsengracht antes de sua transformação em museu. Não viu qualquer "aparador giratório" por ali e escreve: "O aparador que foi construído encobrindo a porta, para disfarçá-la, foi retirado. Nada restou senão as dobradiças retorcidas e penduradas ao lado da porta". (Página 74) Não encontrei sinal algum de uma camuflagem especial mas apenas, no quarto de Anne, um pedaço amarelado de cortina: "Um resto esfarrapado e amarelado de cortina ainda pende na janela" (página 75). O Sr. Frank, ao que parece, marcou a lápis no papel de parede, perto de uma porta, as alturas sucessivas de suas filhas. Hoje no museu os visitantes podem ver um quadrado impecável de papel de parede colocado sob vidro, onde se notam as marcas de lápis perfeitamente conservadas e que parecem ter sido riscadas todas elas no mesmo dia. Eles nos dizem que essas marcas de lápis nos indicavam as alturas das filhas do Sr. Frank. Quando vi o Sr. Frank em Birsfelden perguntei-lhe se não se tratava ali de uma "reconstrução". Ele me assegurou que tudo era autêntico. Mas isso é difícil de crer. O próprio Schnabel havia visto simplesmente, como marca, um "A 42" que ele interpretou assim: "Anne 1942". O estranho é que o papel "autêntico" no museu não apresenta coisa alguma como a que Schnabel disse ter visto, apenas essa marca, e que as demais tenham sido destruídas ou rasgadas ("as outras marcas foram arrancadas..." (*ibidem*).) Talvez pudesse o Sr. Frank ter-se tornado ele próprio culpado, aqui, de um truque ("ein Trick"), como o que sugerira a Henk e a Miep para a fotocópia do passaporte deles?

Um aspecto muito interessante na estória de Anne tem a ver com os originais. Lamento dizer que acho muito improvável o relato sobre a descoberta desses numerosos escritos, e depois sua passagem ao Sr. Frank por sua secretária Miep. A polícia alegadamente espalhou pelo chão todos os tipos de papéis e entre esses Miep e Elli alegadamente ajuntaram um "caderninho escocês" ("ein rotkariertes Buch"; um livro vermelho-enxadrezado) e muitos outros escritos nos quais alegam ter reconhecido a caligrafia de Anne.

Alega-se que não leram coisa alguma e alega-se que puseram todos esses papéis de lado, no gabinete grande. Depois disso tais papéis alegadamente foram entregues ao Sr. Frank por ocasião do seu regresso da Polônia (página 179-181). Esse relato não concorda de modo algum com o da prisão. A prisão se fez devagar, metodicamente e de modo correto, exatamente como a busca. Os testemunhos são unânimes nessa questão (ver o capítulo nove). Após a prisão a polícia voltou àquelas dependências em diversas ocasiões; de modo especial, interrogou Miep. A polícia queria saber se os Franks estavam em contato com outras pessoas escondidas. O *Diário,* como o conhecemos, teria revelado à primeira vista muita informação valiosa para a polícia e teria sido muitíssimo comprometedor para Miep, Elli e todos os amigos das pessoas escondidas. A polícia teria desprezado o "caderninho escocês" se, em seu estado original, ele consistisse, como creio, em apenas alguns desenhos, algumas fotografias e anotações de natureza inofensiva. Mas pareceria improvável que a polícia deixasse ali diversos cadernos e diversas centenas de páginas espalhadas, sobre as quais a caligrafia era, ao menos em sua aparência, a de um adulto. Por parte de Elli e Miep teria sido loucura juntar e guardar, de modo especial no gabinete, tal massa de documentos comprometedores. Pareceria que eles sabiam que Anne fazia um diário. Em um diário supõe-se que a pessoa diga o que acontece de um dia para outro. Por conseqüência Anne se arriscou a mencionar Miep e Elli em seus escritos.

51. Com relação ao livro de Schnabel, o Sr. Frank fez uma revelação que me surpreendeu, ao me dizer que o livro, embora traduzido para diversas línguas, não fora traduzido ao holandês! O motivo para tal exceção foi que as testemunhas principais, vivendo nas Terras Baixas, disseram que devido à modéstia, bem como devido à preocupação pela paz e tranqüilidade das mesmas, desejavam que as pessoas não fizessem comentários sobre elas. Na realidade o Sr. Frank se enganou, ou então estava me enganando. Uma investigação efetuada em Amsterdam levou-me inicialmente a acreditar que o livro de Schnabel não fora traduzido ao holandês. Até mesmo a casa editora Contact respondeu, ou fez diversas bibliotecas ou diversos indivíduos responderem que o livro não existia. Descobri então que numa vitrine no museu da "Casa de Anne Frank" o livro de Schnabel estava sendo exibido como tendo sido traduzido ao holandês e publicado em 1970 (doze anos após sua publicação na Alemanha, na França e nos Estados Unidos!) sob o título de: *Haar Laatste Levensmaanden* (Últimos Meses Dela). O livro infeliz-

mente não pôde ser encontrado. As mesmas respostas vieram das bibliotecas e da casa editora Contact. Como resultado de minha insistência a Contact finalmente respondeu-me que somente restava com eles uma cópia de arquivo. Com alguma dificuldade obti permissão para consultá-la e depois obter uma fotocópia das páginas 263 a 304, pois na realidade o trabalho em questão continha apenas um extrato do livro de Schnabel, reduzido a 35 páginas e colocado como apêndice no texto do *Diário*. O estudo comparável de *Spur eines Kindes* e de sua "tradução" ao holandês é do maior interesse. Do livro de Schnabel os holandeses somente podem ler os cinco últimos capítulos (entre treze capítulos ao todo). Ademais, três desses cinco capítulos receberam cortes de todos os tipos. Alguns desses cortes são marcados por elipses. Outros não são marcados, em absoluto. Os capítulos assim cortados são os de números nove, dez e treze — o que corresponde a dizer aqueles que tratam, a um lado, da prisão e de seus resultados diretos (nas Terras Baixas) ou, por outro, da história dos originais. Quando não se trata mais desses assuntos, quando se trata dos campos (de concentração) (o que acontece nos Capítulos Onze e Treze) hoje o texto original Schnabel é respeitado. Examinados detidamente, esses cortes parecem ter sido introduzidos a fim de remover os detalhes um tanto precisos que surgem nos testemunhos de Koophuis, Miep, Henk e Elli. Como exemplo, falta-lhe, sem qualquer coisa para indicar a existência de um corte, a passagem *essencial* em que Elli narra como contou ao pai a prisão dos Franks (as 13 linhas da página 115 de *Spur* estão completamente ausentes da página 272 do Haar Laatste Levensmaanden). Mostra singular que a única nação para a qual ele assim reservara uma versão censurada da vida de Anne Frank seja precisamente a mesma onde a aventura de Anne Frank ocorreu. Podemos imaginar algumas revelações sobre Joana D'Arc que teriam sido feitas para todos os tipos de nações estrangeiras, mas que fossem proibidas de algum modo ao povo francês? Tal modo de agir só é compreensível quando os redatores receiam que em seu país de origem as "revelações" teriam rapidamente se apresentado suspeitas. A explicação dada pelo Sr. Frank não se sustenta. Como Koophuis, Miep, Henk e Elli se encontram pelos nomes (mais ainda por alguns pseudônimos completos ou parciais) e como Schnabel faz com que eles apresentem tais e quais observações, não dá para ver como os cortes introduzidos nessas observações podem abrandar a modéstia sensível de seus autores ou garantir-lhes mais tranqüilidade em suas vidas em Amsterdam. Eu acredi-

taria mais que a preparação da tradução holandesa deu origem a algumas negociações muito longas e árduas entre todas as partes interessadas ou, pelo menos, entre o Sr. Frank, mas com o passar dos anos eles se tornaram mais cautelosos e parcimoniosos com os detalhes do que em seus "testemunhos" iniciais.

52. O artigo mencionado acima, no *Der Spiegel,* nos traz, como disse, certas revelações curiosas. Como questão de princípio, não confio em jornalistas. Trabalham depressa demais. Aqui se torna óbvio que o jornalista levou a cabo uma investigação completa. A questão era pendente e sensível demais para ser tratada de modo leviano. A conclusão do longo artigo poderia na verdade ser a seguinte: Embora desconfiando de que o *Diário* fosse uma coisa forjada, Lothar Stielau talvez nada provasse, mas ainda assim ele "chegou a um problema realmente espinhoso — o problema de gênese da publicação do livro" ("auf ein tatschlich heikles Problem gestossen — das Problem der Enstehung der Buchausgabe", (página 51). E fica revelado que estamos *muito longe* do texto dos originais quando lemos em holandês, em alemão e em qualquer outra língua, o livro intitulado *Diário de Anne Frank.* Supondo por momentos que os originais sejam autênticos, torna-se necessário lembrar que, a bem do fato, o que lemos sob esse título, por exemplo, em holandês (isto é, no idioma alegadamente original), constitui apenas o resultado de toda uma série de alterações em *reorganizar* e *reescrever,* operação com a participação especial do Sr. Frank e alguns amigos íntimos, entre os quais se achavam (para o texto holandês) o Sr. e a Sra. Cauvern e (para o texto alemão) Anneliese Schutz, de quem Anne fora aluna.

53. Entre a forma original do livro (os originais) e sua forma impressa (a edição holandesa da Contact em 1947) o texto conheceu *pelo menos cinco formas* sucessivas. *Primeira forma:* entre o fim de maio de 1945 e outubro de 1945 o Sr. Frank redigiu uma espécie de cópia ("Abschrift") a partir dos originais, em parte sozinho e em parte com a ajuda de sua secretária Isa Cauvern (essa mulher era a esposa de Albert Cauvern, um amigo do Sr. Frank; antes da guerra os Cauverns haviam acolhido as crianças Frank em sua casa durante as férias). *Segunda forma:* de outubro de 1945 a janeiro de 1946 o Sr. Frank e Isa Cauvern trabalharam juntos em uma nova versão da cópia, versão datilografada ("Neufassung der Abschrift"/"Maschinengeschriebene Zweitfassung"). *Terceira forma:* em data não especificada (o final do inverno de 1945-1946), essa segunda versão (datilografada) foi apresentada a Albert Cauvern; ele

na medida em que era radialista – locutor na rede radiofônica "De Vara" em Hilversum – sabia como reescrever originais. De acordo com suas próprias palavras, começou "modificando toleravelmente" aquela versão; preparou seu próprio texto como "homem com experiência" ("Albert Cauvern stellt heute nicht in Abrede, dass er jene maschinengeschriebene Zweitfassung mit kundiger Hand redigiert hat: 'Am Anfang habe ich ziemlich viel geandert'", página 52.) Detalhe surpreendente para um diário: ele não receia reagrupar na mesma data algumas cartas escritas em datas diferentes; em segunda oportunidade ele se limitou a corrigir a pontuação, bem como os erros, fraseamento e gramática; todas essas mudanças e correções foram executadas no texto datilografado; Albert Cauvern nunca viu os originais. *Quarta forma:* com base nas mudanças e correções o Sr. Frank redigiu o que podemos chamar o terceiro texto datilografado, na primavera de 1946; apresentou o resultado a "três peritos destacados" ("drei prominente Gutachter", página 53), *levando-se a crer que se tratava de uma questão de reprodução completa de um original, com a exceção muito compreensível de algumas questões de ordem pessoal;* e então essas pessoas, tendo ao que parece dado sua garantia ao texto, o Sr. Frank passou a oferecê-lo a diversas editoras em Amsterdam, que o recusaram; voltou-se então muito provavelmente para uma dessas três pessoas, a Sra. Anna Romein-Verschoor. Conseguiu que o marido dessa senhora, o Sr. Jan Romein, professor de História das Terras Baixas na Universidade de Amsterdam escrevesse, no jornal diário *Het Parool,* um artigo famoso que se iniciava com as seguintes palavras: "Por casualidade veio ter às minhas mãos um diário (etc.)"; como o artigo era muito laudatório, uma modesta editora de Amsterdam (Contact) pediu para publicar esse diário. *Quinta forma:* com o acordo já concluído ou no processo de conclusão o Sr. Frank foi procurar diversos "conselheiros espirituais" ("mehrere geistlich Ratgeber"), um dos quais foi o Pastor Buskes; concedeu-lhes autoridade total para censurar o texto ("raumte ihnen feiwillig Zensoren-Befugnisse ein", páginas 53-54). E essa censura foi executada.

54. Mas as singularidades não se encerram aqui. O texto alemão do *Diário* foram o tópico de observações interessantes por parte do jornalista do *Der Spiegel.* Ele afirma: "Uma curiosidade da literatura 'Anne Frank' é o trabalho de tradução de Anneliese Schutz, do qual Schnabel disse: 'Eu gostaria que todas as traduções fossem tão fiéis', mas cujo texto muitas vezes diverge do original holandês" (página 54). Na verdade, como mostrarei abaixo (parágrafo 72-103),

o jornalista é bastante benigno em sua crítica quando afirma que o texto alemão diverge muitas vezes do que ele chama de original (o que quer dizer, sem dúvida, do original *impresso* pelos holandeses). O texto impresso alemão não tem o direito de ser chamado de tradução vinda do holandês impresso: constitui, falando-se corretamente, outro livro por completo. Mas vamos passar sobre essa questão. Voltaremos a ela.

Anneliese Schutz, grande amiga dos Franks, e como eles uma refugiada alemã judaica nas Terras Baixas e professora de Anne, preparou portanto um texto em alemão do diário de sua ex-aluna. Instalou-se para efetuar esse trabalho para a avó de Anne! Esta última, muito idosa, na verdade não lia holandês e precisava de uma tradução para o alemão, sua língua materna. Anneliese Schutz compôs sua "tradução" "na perspectiva da avó" ("aus der Grossmutter-Perspektive", página 55). E tomou algumas liberdades notáveis. Onde, de acordo com suas lembranças, Anne se expressara melhor, ela fez se expressar melhor ainda! A avó tinha o direito a isso! "...die Grossmutter habe ein Recht darauf, mehr zu erfahren – vor allem dort, 'we Anne nach meiiner Erinnerung etwos besseres gesagt hatte'" (*ibidem*). Digamos de passagem que Anneliese Schutz jamais é mencionada por Anne Frank no *Diário*. Com isso devemos compreender que ela havia morado perto de Anne ou que a havia encontrado durante os vinte e cinco meses em que se escondera na Prinsengracht? À "perspectiva da avó", que ditou "certas obrigações", fora aduzida o que podemos chamar de "perspectiva comercial", que ditava outras obrigações. A bem do fato, chegado o momento de publicar o *diário* na Alemanha, Anneliese Schutz inseriu algumas outras alterações. Tememos um exemplo do que ela própria menciona. O original, dizem eles, incluía a seguinte frase: "...nenhuma hostilidade maior no mundo do que aquela entre os alemães e os judeus" (*ibidem*). Anneliese Schutz declarou aos jornalistas do *Der Spiegel:* eu sempre disse a mim mesma que um livro destinado a ser vendido na Alemanha não pode conter expressão insultuosa aos alemães" (*ibidem*). De minha parte eu gostaria de dizer que essa argumentação no mesmíssimo momento da ordem comercial, sentimental ou política é compreensível, se preciso for, vinda de uma mulher de origem judaica berlinense que tinha antes da guerra sido militante em um movimento sufragista e que tivera de abandonar seu próprio país por motivos políticos, mas de outra forma tal argumentação se mostra ainda aceitável, já que as observações "insultuosas" têm sido e continuam a ser espalhadas nos milhões

de exemplares do *Diário* vendidos por todo o mundo em outros idiomas além do alemão. Eu não estou falando aqui do ponto de vista simples de respeito pela verdade.

55. Não se tem a impressão de que os "colaboradores" do Sr. Frank na publicação do *Diário* estivessem muito satisfeitos com seu trabalho, tampouco que houvessem ficado deliciados com a celeuma causada por aquele *Diário*. Examinemos esses colaboradores um por um: sobre Isa Cauvern nada podemos dizer, a não ser que se suicidou atirando-se por sua janela em junho de 1946. O Sr. Frank acabara de assinar ou ia assinar seu contrato para a publicação com a Contact. O movimento desse suicídio não é conhecido e no presente mostra-se impossível descobrir um laço de algum tipo entre tal suicídio e o caso do *Diário*. No que toca à pessoa que escreveu o prefácio, Anna Romein-Verschoor, esta declararia a *Der Spiegel* em 1959: "Eu não desconfiei, de modo algum" ("Ich bin wohl nicht misstraisch genug gewesen"). Seu marido não tivera qualquer desconfiança, também. Albert Cauvern não conseguira obter do Sr. Frank a devolução do texto datilografado no qual trabalhara. Pedira esse texto "em memória de minha esposa" que faleceu em 1946. O Sr. Frank não lhe enviara o texto referido. Durt Baschwitz, amigo do Sr. Frank, foi uma das "três pessoas destacadas" (as duas outras sendo o Sr. e a Sra. Romein). Em 1959 ele suplicaria um "acordo" entre o Sr. Frank e Lothar Stielau. Recomendou, por outro lado, a publicação completa do texto dos originais a fim de solucionar o problema. Para saber o que o texto realmente era, essa solução teria sido, a bem da verdade, a mais adequada. Anneliese Schutz, por sua parte, viria a demonstrar desaprovação tanto ao "mito de Anne Frank" quanto pela atitude do Sr. Frank no tocante a Lothar Stielau. Ela se apresentava a favor de uma política de silêncio: o mínimo de discussão possível no que tocava a Anne Frank e a seu *Diário*. Chegou a ponto de desaprovar o Sr. Frank e Ernst Schnabel por *Spur eines Kindes:* que necessidade havia de um livro assim? No que toca a Stielau, se houvesse feito a observação pela qual o Sr. Frank o criticou, este último teria apenas que agir como se não a tivesse ouvido. essa reação "áspera" ("scharf") (*ibidem*) de Anneliese Schutz mostrava-se tanto mais singular quando vemos que essa mulher se apresentou como a "tradutora" do *Diário* ao alemão e por ter Ernst Schnabel — embora ela talvez não o soubesse — levado a bondade a tal ponto de haver declarado com relação a essa "tradução" improvável:

"Ich wunschte, alle Ubersetzungen wären so getreu" (página 54) ("Eu gostaria que todas as traduções fossem fiéis assim").

Capítulo 5

56. *Regresso a Amsterdam para uma nova investigação:* o depoimento das testemunhas mostrou-se desfavorável ao Sr. Frank. A verdade provável.

57. A crítica interna do *Diário* me levara a pensar que o mesmo era uma "estória inventada", uma novela, uma mentira. As investigações subseqüentes haviam servido apenas para reforçar tal opinião. Mas se eu havia de fato visto onde estava a mentira, não podia ver com a mesma facilidade onde se encontrava a verdade. Vi sem dúvida que a família Frank não podia ter vivido por vinte e cinco meses no número 263 da Prinsengracht do modo que afirmava. Mas como havia vivido, na verdade? Onde? Com quem? E finalmente, tinha de fato sido no 263 da Prinsengracht que haviam sido presos?

58. Sem qualquer ilusão quanto à resposta que ele me daria, apresentei essas questões a Kraler (por seu nome real, Kugler) em carta que lhe enviei no Canadá. Perguntei-lhe da mesma forma se Anne em sua opinião fora a autora do *Diário* e como podia explicar-me o motivo pelo qual Vossen (por seu nome verdadeiro, Voskuyl) acreditava que os Franks se achassem em algum outro lugar que não no 263 da Prinsengracht, e mesmo na Suíça, para ser exato. A resposta que me mandou foi descortês. Enviou minha carta e sua resposta ao Sr. Frank. É essa a carta à qual o Sr. Frank chamou "idiota" durante nossa conversa telefônica. Acredito ser essa a resposta que, um ano mais tarde, conquistou para Kraler um prêmio de 10.000 dólares, dado por uma instituição por ter "protegido Anne Frank e sua família durante a guerra em Amsterdam" (ver o *Hamburger Abendblatt* de 6 de junho de 1978, página 13). Sem levar em conta essa descortesia, a resposta vinda de Kraler não deixava de ter interesse a meus olhos. Kraler respondeu-me que a sugestão de Vossen referente à presença dos Franks na Suíça "fora feita a fim de proteger a família que se achava escondida" (carta de 14 de abril de 1977). Acrescentou, no tocante a Anne, que "têm existido outros jovens de muitos talentos, ainda mais jovens do que Anne". Verifiquei que a primeira afirmação

dessa resposta era precisa, porém incompreensível quando nos lembramos de que Vossen, pelo que afirmara sua própria filha, tivera a *sensação pessoal* de que os Franks se achavam na Suíça. Quanto ao segundo tópico da resposta, seu caráter estereotipado se mostrava surpreendente, vindo de um homem cuja única dificuldade devia ter sido a de escolher entre diversas respostas precisas e convincentes. Kraler, a bem do fato, era tido como tendo vivido 25 meses em contato quase diário com aquela Anne Frank cujo "diário" constituía um segredo de Polichinelo, ao que parece, para quem a conhecia.

59. Ouvindo Elli a 30 de novembro de 1977, e em seguida Miep e Henk, a 2 de dezembro de 1977, fiquei logo tomado pela impressão de que essas três pessoas não haviam de modo algum vivido por 25 meses em contato com os Franks e com as outras pessoas escondidas do modo como nos é apresentado no *Diário*. Por outro lado convenci-me de que Miep e Elli haviam pelo menos estado presentes no 263 de Prinsengracht a 4 de agosto de 1944, por ocasião da batida efetuada pela polícia. De outra forma mostra-se difícil para mim explicar a *insistência* com que Elli e Miep se esquivaram às minhas perguntas sobre os 25 meses, ao mesmo tempo em que voltavam repetidamente para o dia 4 de agosto de 1944. Elli, de quem fora muito difícil para mim encontrar qualquer pista, não esperava minha visita, tampouco o tipo de perguntas detalhadas que lhe iria apresentar. Miep e Henk esperavam minha visita e sabiam que eu estivera com o Sr. Frank. Minhas perguntas foram curtas, limitadas em número e com certas exceções eu não fiz ver às minhas testemunhas quer suas contradições mútuas ou suas contradições com o *Diário*. Elli, cheia de boa vontade, pareceu-me ter boas recordações dos anos de guerra e dos acontecimentos de menor importância em sua vida diária naqueles dias (estava com 23 anos de idade em 1944). Mas no tocante àqueles vinte e cinco meses, suas respostas às minhas perguntas foram, em sua maior parte: "Eu não sei... Não me lembro... Não posso lhe explicar..." "O lugar de guardar carvão? Era na sala dos Van Daans". "As cinzas? Acho que os homens as levavam para baixo". "O vigia noturno Slagter? Nunca ouvi falar nele; depois da guerra tivemos uma secretária com esse nome". "Lewin? Nunca lidei com ele". "O 'aparador giratório'? O senhor tem razão, era inútil, mas servia de camuflagem para os de fora". Pedi a Elli que descrevesse a casa dianteira, em primeiro lugar, e depois o anexo. Quanto à casa dianteira ela pôde me dar alguns detalhes; é verdade que

trabalhara ali. Quanto ao anexo a sua resposta foi interessante. Ela me disse que somando todo o tempo, passara apenas uma noite ali! Acrescentou que não se lembrava das dependências, porquanto estivera muito nervosa. Mas no *Diário* afirma-se que Elli viera fazer quase todas as refeições do meio-dia com as pessoas ali escondidas (ver 5 de agosto de 1943: Elli chega regularmente às 12:45 da tarde; 20 de agosto de 1943: ela chega regularmente às 5:30 da tarde como mensageira da liberdade; 2 de março de 1944: ela lava os pratos com as mães das duas famílias). Para concluir, pedi a Elli que lembrasse para mim qualquer detalhe da vida familiar, qualquer caso que não esteja presente no livro. ela se mostrou inteiramente incapaz de fazê-lo.

60. Miep e Henk foram da mesma forma incapazes de me proporcionar o mínimo detalhe sobre a vida das pessoas escondidas. A frase mais importante de seu testemunho foi a seguinte: *"Nós não sabíamos exatamente como eles viviam"*. E mais: "Só estivemos no anexo por um fim de semana; dormimos no quarto do *Futuro*, de Anne e Dussel". "Como as pessoas escondidas se mantinham aquecidas? Talvez com gás". "O lugar para guardar carvão era lá embaixo na loja". "Não existia aspirador de pó". "O verdureiro não trazia coisa alguma à Prinsengracht". "O 'aparador giratório' tinha sido construído muito antes da chegada dos Franks" (!) "Eu mesma, Miep, comprava os legumes, enquanto Elli trazia o leite". "Eu mesmo, Henk, trabalhava em outro lugar que não no negócio, mas todos os dias eu vinha para almoçar no gabinete das meninas e conversar com elas por 15 ou 20 minutos". (Esta afirmação, como outras, se encontra em contradição total com o *Diário*, no qual se afirma que Henk, Miep e Elli almoçavam no anexo, juntos com as pessoas escondidas. Ver 5 de agosto de 1943). Durante toda a nossa entrevista Miep me deu a impressão de estar quase sofrendo. Seu olhar evitava o meu. Quando finalmente a deixei falar sobre 4 de agosto de 1944, sua atitude mudou por completo e de repente. Tornava-se evidente o prazer com que começou a relembrar, com grande fartura de detalhes, a chegada da polícia e os resultados dessa batida. Observei, todavia, uma desproporção marcante nos detalhes do relato. Tais detalhes eram numerosos, vívidos e obviamente verdadeiros quando Miep relembrava o que lhe acontecera pessoalmente com o oficial austríaco, Silberbauer, quer naquele dia ou nos dias seguintes. Mas quando se tratava dos Franks e dos seus companheiros de infortúnio tais detalhes se tornavam raros e obscuros. Assim temos que Miep nada vira

da prisão das pessoas escondidas. Não as vira saindo do lugar. Não as vira embarcando no veículo da polícia uma vez que tal veículo, que ela pudera ver pela janela do seu gabinete, "estava perto demais da parede da casa". De maior distância e do outro lado do canal, Henk vira o veículo da polícia mas não conseguiu reconhecer as pessoas que entravam ou saíam. No tocante aos originais Miep repetiu para mim o relato que fizera a Schnabel. Ela também me disse que o Sr. Frank, após ter regressado às Terras Baixas no final de maio de 1945, vivera por sete anos sob o seu teto. Apenas no final de junho ou início de julho de 1945 ela lhe devolvera os originais.

61. Em seguida a essas duas entrevistas formei a seguinte opinião: essas três pessoas devem, no conjunto, ter-me contado a verdade sobre suas próprias vidas. É provavelmente verdade que não tivessem conhecimento, por assim dizer, do anexo. É verdade indubitável que, na casa da frente, a vida transcorria aproximadamente como me relataram (refeição do meio-dia feita, juntos, no gabinete das secretárias; os homens da loja comendo na loja; pequenas saídas à busca de alimentos, efetuadas pelas vizinhanças, etc). É verdade indubitável que uma batida policial ocorreu a 4 de agosto de 1944 e que Miep tivera conversas naquele dia e nos dias seguintes com um Karl Silberbauer. É provável, por outro lado, que essas três pessoas mantivessem algumas relações com a família Frank. Nesse caso, por que apresentavam relutância tão óbvia em falar sobre isso? Suponhamos, na verdade, que os Franks e algumas outras pessoas escondidas houvessem realmente vivido por 25 meses nas proximidades dessas três pessoas. Sendo assim, qual o motivo de tal silêncio?

62. A resposta a essas perguntas podia ser a seguinte: os Franks e talvez alguns outros judeus realmente viveram no anexo do 263 da Prinsengracht. Mas haviam vivido ali de modo *muito diferente* daquele relatado pelo *Diário*. Haviam, por exemplo, levado ali uma vida que sem dúvida fora cautelosa, mas não como uma prisão. Tinham conseguido viver ali como tantos outros judeus que se esconderam, quer na cidade ou no campo. Haviam-se "escondido sem esconder". Sua aventura era um lamentável lugar-comum e não apresentava aquele caráter fantástico, absurdo e obviamente enganoso que o Sr. Frank quisera transmitir como realista, autêntico e correspondendo aos fatos. Após a guerra, do mesmo modo como os amigos do Sr. Frank se achavam preparados para testemunhar a seu favor, estavam também hesitantes em endossar a narrativa

do *Diário*. Assim como eram capazes de se oferecer como fiadores dos sofrimentos reais do Sr. Frank e de sua família, também lhes parecera difícil dar testemunho, além disso, de sofrimentos imaginários. Kraler, Koophuis, Miep, Elli, Henk, demonstraram sua amizade ao Sr. Frank; demonstraram publicamente sua solidariedade para com ele, como homem cheio de encanto e, ao mesmo tempo, sobrepujado por infortúnios. Talvez se sentissem lisonjeados por serem apresentados à imprensa como seus companheiros em dias de dificuldade. Talvez alguns deles aceitassem a idéia de que, quando um homem sofreu, tem o direito moral de exagerar um pouco o relato de seus sofrimentos. Aos olhos de alguns deles, a questão principal podia ter sido a de que o Sr. Frank e sua família haviam sido submetidos a sofrimentos cruéis, impostos pelos alemães; nesse caso os "detalhes" de tais sofrimentos pouco importavam. A bondade, porém, apresenta limites. O Sr. Frank encontrou apenas *uma pessoa* para endossar o relato que fez da existência do *Diário*. Essa pessoa era sua ex-secretária e amiga: Miep Van Santen (por seu nome real: Miep Gies). Mesmo assim o depoimento de Miep se mostra estranhamente hesitante. Tal depoimento volta para dizer que após a prisão dos Franks ela recolhera do chão de um aposento no anexo um diário, um livro de contabilidade, alguns cadernos e certo número de folhas soltas. Para ela tratava-se de objetos pertencentes a Anne Frank. Miep somente apresentou tal depoimento em forma oficial trinta anos após os acontecimentos, a 5 de junho de 1974, no gabinete do Sr. Antoun Jacob Dragt, tabelião em Amsterdam. Ela aduziu que efetuara a descoberta em companhia de Elli, mas no mesmo dia, na presença do mesmo tabelião, esta última declarou lembrar-se de ter estado presente quando aquelas coisas tinham sido descobertas. Tal restrição é importante e não deve ter agradado ao Sr. Frank.

Nota da Editora: Vejamos o que escreve o **incrível** Simon Wiesenthal a respeito desse assunto no seu livro "Los asesinos entre nosotros," de 1967, pg. 175:

"No dia 4/8/44, todos os ocupantes da residência de Anne, seus pais e sua irmã, outro casal com seu filho e um dentista — foram presos, enviados a campos de concentração e dos oito somente sobreviveu Otto Frank, o pai de Anne, que agora vive na Basiléia, Suíça e que relatou posteriormente, o que sucedeu naquela manhã, nos seguintes termos:

'O SS pegou uma bolsa e me perguntou se continha jóias; ao eu dizer-lhe que não continha mais que **papéis,** ele **os** arrojou ao solo — o diário de Anne — (papéis avulsos, N.E.) e meteu o que tínhamos de

dinheiro e um candelabro Hanuka dentro da bolsa. Se tivessem levado o diário, ninguém teria ouvido falar de minha filha'".

Continua Wiesenthal pg. 176:

"Anne Frank faleceu no Campo de Concentração de Bergen-Belsen em março de 1945. Um ano depois, seu pai voltou às dependências da casa de Amsterdam e o Diário ainda estava no chão, lá onde o SS o havia arrojado.

Na 11ª edição brasileira do "Diário de Anne Frank", pg. 5 temos a 'seguinte informação:

"Entre os presentes que Anne recebeu no seu 13º aniversário um, dos que, mais lhe agradaram, foi um caderno de **Capa dura** no qual começou a escrever um diário".

No mesmo livro à pg. 225 temos o seguinte:

"O 'anexo secreto' foi saqueado e destruído durante a batida policial (Polícia de Segurança Alemã acompanhada por alguns holandeses nazistas). Alguns dias depois, misturados aos jornais velhos e lixo espalhado pelo chão, um limpador encontrou **os cadernos** onde Anne escrevera seu diário. Não sabendo do que se tratava, estregou-os a Miep e Elli."

63. Schnabel escreveu (ver acima, parágrafo 50) que *todas* as "testemunhas" a quem fizera perguntas – incluindo por conseqüência Miep, Elli, Henk e Koophuis – se haviam comportado como se quisessem defender-se da lenda de Anne Frank. Acrescentou que se todos eles houvessem lido o *Diário,* ainda assim não o mencionavam. Essa última frase significa claramente que em cada entrevista com cada uma das testemunhas foi o próprio Schnabel quem teve a iniciativa de falar do *Diário.* Sabemos que o livro dele não fora publicado nas Terras Baixas, a não ser em forma condensada e censurada: é nas Terras Baixas que as "testemunhas" principais se situam. Por sua parte o artigo no *Der Spiegel* (ver acima o parágrafo 55) prova que outra das "testemunhas" do Sr. Frank acabaram apresentando as mesmas reações negativas. Os fundamentos do mito de Anne Frank – mito que se sustenta na verdade e na autenticidade do *Diário* – não se fortaleceram com o tempo – eles desabaram.

Capítulo 6

64. *O "traider" e a pessoa que prendeu os Franks:* por que o Sr. Frank desejava mantê-los no anonimato?

65. Desde 1944 o Sr. Frank e seus amigos sabiam que seu alegado "traidor" se chamava Van Maaren e que a pessoa que os prendera se chamava Silberbauer. Van Maaren era um dos empregados em sua loja. Silberbauer era um oficial subordinado do Serviço de Segurança (SD) em Amsterdam. No *Diário,* bem como no livro anteriormente mencionado e escrito por Schnabel, Van Maaren é chamado V.M. No tocante a Silberbauer, é chamado Silber*thaler* no livro de Schnabel. Ao que parece, na época da Libertação, Van Maaren tivera alguns problemas com a lei em seu país. Sua culpa não pôde ser provada, ao que me afirmou o Sr. Frank. "V. M. já tivera dificuldades desse tipo e devia ser deixado em paz". Schnabel não quisera obter o testemunho de V. M., tampouco quisera obter o testemunho do oficial que efetuara a prisão.

66. Em 1963 a imprensa mundial ressoou repentinamente com uma estória marcante: Simon Wiesenthal acabara de redescobrir a pessoa que prendera os Franks. Chamava-se Karl Silberbauer. Era policial em Viena. Wiesenthal não informara o Sr. Frank sobre suas pesquisas e este último, entrevistado por jornalistas, declarara ter sabido por quase vinte anos o nome da pessoa que o prendera. Acrescentara que todo o caso fora lamentável e que Silberbauer apenas cumprira seu dever ao prendê-lo. Miep, por sua parte, declarou que se usara o pseudônimo de Silber*thaler* para designar o policial, ela o fizera apenas a pedido do Sr. Frank; este último fizera ver que poderiam haver na verdade algumas outras pessoas com o nome de Silberbauer a quem, por conseqüência, algum prejuízo poderia ser acarretado: "(De Heer Frank) had mij verzocht de naam Silberthaler te noemen, omdat er misschien nog meer mensen Silberbauer heethen en die zouden wij dan in diskrediet brengen" (*Volkskrant,* 21 de novembro de 1963).

67. Travou-se uma espécie de luta entre Simon Wiesenthal e o Sr. Frank e foi este último quem se saiu melhor do encontro. A bem do fato Karl Silberbauer, ao final de onze meses, foi readmitido na polícia vienense. Um comitê disciplinar, com reuniões a portas fechadas (como é o costume), o liberou. O julgamento do comitê de apelos ("Oberdisziplinarkomission") também foi favorável a Silberbauer, como foram as conclusões de uma comissão de inquérito do Ministério do Interior. Silberbauer realmente prendera os Franks no 263 da Prinsengracht, porém sua participação em "crimes de guerra contra os judeus ou membros da resistência" não pôde ser provada. Em junho de 1978 obtive uma entrevista com Wiesenthal em seu gabinete em Viena. No tocante a este caso

ele me declarou que o Sr. Frank era "doido". A seu ver o Sr. Frank, na preocupação de manter um culto (o de sua filha) pretendia poupar os antigos nazistas, enquanto ele, Simon Wiesenthal, tinha apenas um objetivo: o de ver que a justiça fosse feita. Simon Wiesenthal não conhecia o nome verdadeiro do empregado da loja, V.M. Também nisso o Sr. Frank fizera o que era necessário: o Instituto Real de Documentação (para a segunda guerra mundial), dirigido por seu amigo Louis De Jong, informou, se dermos crédito a um jornal de Amsterdam (*Trouw*, 22 de novembro de 1963), que esse nome não seria dado ao Sr. Wiesenthal, ainda que o houvesse pedido: ...deze naam zou men zelfs aan Mr. Wiesenthal niet doorgeven, wanneer deze daarom zou verzoeken".

68. As autoridades em Viena não puderam me autorizar a consultar os registros das comissões de inquérito. Quanto a Karl Silberbauer, faleceu em 1972. Minhas indagações portanto se limitaram à análise de alguns jornais holandeses, alemães e franceses de 1963 e 1964 e a entrevistar uma testemunha que acredito bem informada, sincera e possuidora de boa memória. Essa testemunha nos suplicou, a mim e à minha companhia, que não revelássemos seu nome. Eu lhe prometi nada dizer quanto a seu nome e vou manter minha promessa, em parte. A importância de seu testemunho é tal que me pareceu impossível silenciá-lo. O nome dessa testemunha e seu endereço, bem como o nome de meu companheiro e seu endereço estão guardados em envelope fechado.

69. Aqui temos, para começar, o que eu chamaria: "O depoimento de Karl Silberbauer, colhido por um jornalista holandês do *Haague Post* e traduzido ao alemão por um jornalista judeu alemão do *Allgemeine Wochenzeitung der Juden in Deutschland* (6 de dezembro de 1963, página 10)". Silberbauer relata que na ocasião (4 de agosto de 1944) recebera um telefonema de pessoa desconhecida que lhe revelara o fato de haver alguns judeus escondidos em um gabinete na Prinsengracht: "Alertei então oito holandeses do Serviço de Segurança (SD) e fui em sua companhia à Prinsengracht. Vi que um de meus companheiros holandeses tentou falar com um empregado, mas o último fez um gesto com o polegar, indicando a parte de cima da casa". Silberbauer descreveu como entrou no lugar onde os judeus se mantinham escondidos: "As pessoas corriam em todas as direções e faziam as malas. Um homem adiantou-se então para mim e se apresentou como Otto Frank. Ao que disse, tinha sido oficial da reserva no exército alemão. Minha pergunta quanto à duração de tempo pela qual haviam estado escondidos,

Frank respondeu 'Vinte e cinco meses'. Vendo que eu não queria acreditar nele, prosseguiu Silberbauer, ele tomou a mão de uma mocinha que estava a seu lado. Essa deve ter sido Anne. Ele levantou a criança para o lado de uma porta, onde se viam diversas marcas em diversos lugares. Voltei a falar com Frank: 'Que mocinha bonita você tem!'" Silberbauer declarou então que somente muito mais tarde fizera a ligação entre essa prisão e o que os jornais diziam sobre a família Frank. Após a guerra, ao ler o *Diário* ficou muito surpreso e de modo particular não compreendia como Anne podia ter sabido que os judeus estivessem sendo mortos por gás: "Nenhum de nós sabia", Silberbauer explicou, "o que esperava os judeus. De modo especial não compreendo como Anne, em seu diário, pudesse afirmar que os judeus estavam sendo mortos por gás". Na opinião de Silberbauer, nada teria ocorrido aos Franks se os mesmos não se houvessem mantido escondidos.

70. Essa entrevista exclusiva com Silberbauer constitui um resumo muito fiel, ao que creio, das observações atribuídas pelos jornalistas à pessoa que prendeu a família Frank. O testemunho que anunciei acima (parágrafo 68) confirma de modo geral o teor da entrevista, com a exceção de que o episódio do polegar erguido seria pura invenção. Silberbauer alegadamente nada notou quanto a isso, tendo ademais o bom motivo de que se afirma ter ele seguido imediatamente em direção ao anexo. Ele nada mais fez senão tomar o corredor e a escada, sem qualquer desvio na direção do gabinete ou das lojas. E é aí que o testemunho em questão nos proporciona um elemento importante. Ter-se-á notado que em sua entrevista o policial não esclarece com precisão como teve acesso ao lugar onde se mantinham aqueles que estavam escondidos. Ele não faz referência de um "aparador giratório" ("ein drehbares Regal"). Mas a minha testemunha é taxativa: Silberbauer nunca encontrou qualquer coisa desse tipo, porém... uma porta pesada e de madeira, como a que se encontra, por exemplo, em um armazém. A palavra exata foi "ein *Holzverschlag*." O policial se limitou a bater à porta e... a porta lhe fora aberta. Um terceiro item desse depoimento é ainda mais importante, se isso for possível. Karl Silberbauer disse e repetiu que não acreditava na autenticidade do famoso *Diário,* uma vez que, por suas afirmações, jamais houve no local qualquer coisa que se parecesse aos originais que Miep afirmou ter encontrado espalhados pelo chão, uma semana após 4 de agosto de 1944. O policial tinha o hábito profissional de efetuar prisões e dar buscas, isso desde antes da guerra. Tal quanti-

dade de documentos não teria escapado à sua atenção. (Acrescentemos aqui que oito homens o acompanharam e que toda a batida fora efetuada devagar e corretamente, e em seguida o policial, tendo confiado a chave das dependências a V.M. ou a outro empregado, regressara àquelas dependências em três ocasiões.) Silberbauer, afirma a testemunha, tinha o hábito de dizer que Miep, na realidade, não desempenhara grande papel em toda aquela estória (daí advém o fato de que nem mesmo a haviam prendido). Em seguida Miep tentara atribuir-se alguma importância, notadamente nesse episódio da descoberta miraculosa dos originais.

71. A mesma testemunha me declarou, na presença de minha companhia, que Silberbauer em 1963-1964 redigira um relatório para os tribunais sobre a prisão dos Franks e que tais detalhes *poderiam* aparecer, nesse relatório. Uma segunda testemunha certamente poderia me dar depoimento muito valioso sobre as declarações de Silberbauer, mas essa segunda testeunha preferiu calar-se.

Capítulo 7

72. *Comparação dos textos holandês e alemão:* procurando aproveitar em demasia, o Sr. Frank se denunciou; ele assinou uma fraude literária.

73. Tendo dois textos diante de mim. O primeiro é em holandês (H), e o segundo em alemão (A). Os editores me dizem que H é o texto original, enquanto o A é a tradução desse texto original. Eu não tenho qualquer motivo *a priori* para contestá-los mas o rigor científico, bem como o bom senso e a experiência, dizem que é necessário receber as declarações dos editores com cautela. Acontece, a bem da verdade, que pode haver erro ou intenção enganosa de sua parte. Um livro é uma mercadoria como qualquer outra. Um rótulo pode mostrar-se enganador quanto ao conteúdo. Por conseqüência, vou deixar aqui de lado os rótulos que são propostos ou que me impõem. Não falarei da "versão original em holandês", tampouco sobre a "tradução ao alemão". Suspenderei por enquanto qualquer juízo. Concederei um nome preciso a esses dois livros apenas, com reservas. Por enquanto vou dar-lhes um

nome que é ao mesmo tempo igual e neutro. Assim sendo, falarei de *textos*.

74. Vou descrever o texto H e o texto A que tenho diante de mim. Iniciarei com o texto H mas poderia muito bem começar com o texto A. Insisto nesta última questão. A ordem de sucessão que escolhi aqui não deve implicar em qualquer sucessão no tempo ou em qualquer relação de filiação do tipo pai/filho entre H e A.

75. Meu texto H apresenta-se da seguinte maneira: Anne Frank/ *Het Achterhuis*/Dagboekbrieven/14 Juni 1942-1 Augustus 1944/1977, Uitgeverij Contact, Amsterdam, Eerste druk 1947/Vijfenvijftigste druk 1977/. O texto do autor se inicia à página 22 com a reprodução fotográfica de uma espécie de dedicatória assinada: "Anne Frank, 12 Juni 1942". À página 23 aparece o primeiro dos 169 lançamentos que compõem esse "diário", aos quais eles deram o título *O Anexo*. o livro tem 273 páginas. A última página do texto é a página 269. Calculo que a extensão do texto em si mesmo tenha 72.500 palavras em holandês. Não comparei o texto dessa 55ª edição com o texto da primeira edição. Por ocasião de minha investigação em Amsterdam recebi garantias dos Srs. Fred Batten e Christian Blom de que nenhuma alteração fora feita nas edições sucessivas. Essas duas pessoas eram empregadas pela casa editora Contact e se achavam envolvidas, juntamente com o Sr. P. De Neve (falecido), na aceitação inicial do original datilografado que o Sr. Frank depositara com intérprete pelo nome de Sr. Krahn. É esse Sr. Krahn que, em 1957, serve de companhia e intérprete para Ernst Schnabel, quando este veio ver Elli em Amsterdam.

76. Meu texto A apresenta-se da seguinte maneira: Das Tagebuch der Anne Frank/ 12 Juni 1942-1 August 1944/1977, Fischer Taschenbuch Verlag/No. 77/Ungekurzte Ausgabe/43. Auflage 1293000-133200/Aus dem Hollandischen ubertragen von Annelise Schutz/Hollandische Original-Ausgabe, "Het Achterhuist", Contact, Amsterdam. Após a página de dedicatória aparece o primeiro dos lançamentos à página 9. Existem 175 lançamentos. O último deles termina na página 201. Calculo a extensão do texto em 77 mil palavras em alemão. O livro tem 203 páginas. Essa brochura foi publicada inicialmente em março de 1955. Fischer obteve a Lizensausgabe (licença para distribuição) da casa editora Lambert-Schneider em Heidelberg.

77. Chamo a atenção para um primeiro fato perturbador. O texto H tem 169 lançamentos, enquanto o texto A, que se apresenta

como tradução do texto H, tem 175.

78. Chamo a atenção para um segundo fato perturbador. Parti à procura dos lançamentos a mais, no texto A. Não são seis lançamentos que descubro (175 menos 169 igual a 6), porém sete lançamentos. A explicação é a seguinte: o texto A não tem o lançamento de "6 de dezembro de 1943" do texto H.

79. Apresento um terceiro fato perturbador. Como o idioma holandês e o idioma alemão são muito próximos um do outro, a tradução não devia ter sido muito mais comprida do que o texto a ser traduzido. Mas ainda que despreze o número de palavras que compõem os sete lançamentos em questão, fico muito longe de chegar a uma diferença de aproximadamente 4.500 (A 77.000 menos H 72.500 igual a 4.500). Assim sendo o texto A, mesmo quando tem alguns lançamentos em comum com o texto H, apresenta-os sob *outra* forma: em qualquer caso, com uma forma mais extensa. Aqui está a prova, apoiada por cifras:

a) Lançamentos adicionais que A apresenta:

3 de agosto de 1943	210 palavras aproximadamente
7 de agosto de 1943	1.600 palavras aproximadamente
20 de fevereiro de 1943	270 palavras aproximadamente
15 de abril de 1944	340 palavras aproximadamente
12 de abril de 1944	180 palavras aproximadamente
25 de abril de 1944	190 palavras aproximadamente
	Total 3.170 palavras aproximadamente

(*Erro* de minha parte (R. Faurisson): O lançamento de 12 de maio de 1944 (380 palavras) *não está* faltando no texto H. Encontra-se no texto H, *porém* datado de 11 de maio. O que falta no texto H é o lançamento de 11 de maio que, no texto A, tem... 520 palavras!)

b) O lançamento que falta em H:
6 de dezembro de 1943 ..... 380 palavras aproximadamente

c) Palavras a mais encontradas em A, levando em conta um número igual de lançamentos:
4.500 menos (3.170 menos 380) igual a 1.710 palavras.
Na realidade, como veremos mais tarde, esse número repre-

senta apenas uma parte pequena do excedente de palavras apresentado por A. Mas enquanto isso, para não parecer ligado demais a tais cálculos, vou apresentar alguns exemplos precisos que envolvem aproximadamente 550 palavras.

80. Entre os lançamentos que H e A aparentemente têm em comum eis algumas cartas (entre muitas outras) onde A tem fragmentos a mais, o que quer dizer alguns fragmentos dos quais o leitor holandês jamais tomou conhecimento:

16 de outubro de 1942	"Vater...Schrifsteller"	20 palavras
20 de outubro de 1942	"Nachdem...habe"	30 palavras
5 de fevereiro de 1943	"Uber...bedeutet"	100 palavras
10 de agosto de 1943	"Gestern...anziehen"	140 palavras
31 de março de 1943	"Hier...prima"	70 palavras
	"Als...warum?"	25 palavras
2 de maio de 1944	"Inzwischen...spendiert"	90 palavras
3 de maio de 1944	"Herr...besorgt"	40 palavras
	"Langer...hat"	35 palavras
	Total desses exemplos simples:	
		550 palavras

81. Entre os lançamentos que aparentemente H e A têm em comum eis alguns lançamentos (entre muitos outros) onde em A faltam alguns fragmentos, o que quer dizer fragmentos dos quais o leitor em alemão nunca teve conhecimento:

17 de novembro de 1942	"Speciale...overgelegd"	15 palavras
13 de junho de 1943	"Daar Pim...heeft"	30 palavras
29 de julho de 1943	"Ijdelheid...persoontje"	20 palavras
	Total desses exemplos simples:	
	65 palavras	

Um fato notável é que os fragmentos em falta são muito numerosos e muito curtos. Por exemplo, a carta de 20 de agosto de 1943 é reduzida em 19 palavras no texto alemão e essas 19 palavras se distribuem da seguinte maneira:

3 + 1 + 4 + 4 + 7 — 19.

82. Chamo a atenção para um quarto fato perturbador. Esse fato independe da quantidade que esteja a mais ou em falta. Tal fato é o de que alguns fragmentos de lançamentos de algum modo passam de uma carta para outra, do texto H para o texto A. Como exemplo, todo o penúltimo parágrafo da carta H de Donderdag, 27 de abril de 1944, se encontra no último parágrafo da carta A de Dienstag, 25 de abril de 1944. Em 7 de janeiro de 1944 o último parágrafo de H se torna em A, o sexto parágrafo antes do fim. Em 27 de abril de 1944 o penúltimo parágrafo de H se torna, no texto em A, o último parágrafo do lançamento de 25 de abril de 1944.

83. Chamo atenção para um quinto fato perturbador. Não se trata, dessa vez, de uma questão de adições, subtrações ou transferências, mas de *alterações* que são um sinal de *incoerências*. Quero dizer o seguinte: suponhamos que eu deixe de lado todos os traços pelos quais H e A diferem tão obviamente um do outro e suponhamos que eu me volte agora para o que eu chamaria de "o restante" (um "restante" que, de acordo com os editores, devia fazer parte do "material comum", "a parte idêntica"), e tenho a surpresa de descobrir que de um extremo ao outro desses dois livros, com raríssimas exceções, esse "restante" está muito longe de ser idêntico. Como veremos nos exemplos que seguem, tais incoerências não podem ser atribuídas a uma tradução mal feita, ou caprichosa. O mesmo lançamento de 10 de março de 1943 diz, em H, "Bij kaarslicht" ("à luz de velas") e, em A, "Bei Tage" ("à luz do dia"); "een nacht" ("uma noite") por "Eines Tages" ("um dia"); "verdwenen de dieven" (os ladrões desapareceram") por "schwieg der Larm" ("ruído se tornou silêncio"). A 13 de janeiro de 1943 Anne disse que se rejubilou com a perspectiva de comprar após a guerra alguns "nieuwe kleren en schoenen" ("algumas roupas e sapatos novos"); no texto H isso ocorre, porque no texto A ela fala de "neue Kleider und Bucher" ("roupas e livros novos"). A 13 de maio de 1943 a Sra. Van Daan é "als door Mouschi bebeten" ("como se mordida por Mouschi (o gato)"); isso no texto H, porque no texto A ela é "wie von einer Tarantel gestochen" ("como se mordida por uma tarântula"). Dependendo de consulta quer de H ou de A, um homem se torna um "fascista" ou um "Riese" ("gigante") (20 de outubro de 1942). Alguns "feijões vermelhos e alguns feijões brancos" ("bruineen witte bonen") se tornam "feijões brancos" ("weisse Bohnen") (12 de março de 1943). Algumas sandálias por 6,5 florins se tornam algumas sandálias sem qualquer indicação de preço (*ibidem*), en-

quanto "cinco reféns" ("een stuk of 5 gijzelaars") se tornam "um certo número desses reféns" ("eine Anzahl dieser Geiseln"), e isso no mesmo lançamento de 9 de outubro de 1942 onde "os alemães" ("Duitsers") não são mais do que "*esses* alemães" ("diese Deutschen") que são de modo muito taxativo os nazistas (ver acima, parágrafo 54). A 17 de novembro de 1942 Dussel encontra os Franks e os Van Daans em seu esconderijo. O texto H diz que "Miep ajudou-o a despir o sobretudo" ("Miep liet hem zijn jas uitdoen"); ao tomar conhecimento de que os Franks se encontram ali, "ele quase desmaiou de surpresa" e, afirma Anne, permaneceu "silent" "como se quisesse antes um pouco de tempo, um momento, para ler a verdade em nossos semblantes" ("viel hij haast flauw van verbazing...sprakeloos...alsof hij eerst even goed de woorheid van onze gezichten wilde lezen"); mas o texto A diz sobre Dussel que ele "teve de despir o sobretudo" e descreve seu espanto da seguinte maneira: "ele não conseguia compreender... não conseguia crer em seus olhos" ("Er Musste den Mantel ausziehen...konnte er es nicht fassen...und wollte seinen Augen nicht trauen"). Uma pessoa que sofreu com o problema no olho e que "o banhou com chá de camomila" ("bette het...met kamillen-the") se torna uma pessoa que "preparou para si algumas compressas" ("machte Umschlage") (10 de dezembro de 1942). Onde somente o "Papá" está esperando ("Pim verwacht"), torna-se "nós" todos que estamos esperando ("Wir erwarten") (27 de fevereiro de 1943). Onde os dois gatos recebem o nome de Moffi e Tommi, por se parecerem "boche" ("alemão") ou "angliche" ("inglês"), "assim como na política" ("Net als in de politiek"), o texto A diz que foram batizados "de acordo com suas inclinações espirituais" ("Ihren Anlagen gemass") (12 de março de 1943). A 26 de março de 1943 algumas pessoas que "estavam em um medo infinito" ("schreckten immer wieder auf"), "um pedaço de flanela" ("een lap flanel") se torna uma "coberta de colchão" ("Matratzenschoner") (1 de maio de 1943). "Entrar em greve" ("Staken") "em muitas áreas" ("in viele gebieden") se torna: "sabotagem é feita em todos os lados" ("an allen Ecken und Enden sabotiert wird") (*ibidem*). Uma "cama de dobrar" ("hermonicabed") se torna uma "poltrona" ("Liegestuhl") (21 de agosto de 1942). A frase seguinte, "Os disparos já não mais nos causavam qualquer coisa, nosso medo desaparecera" ("Het kanonvuur deerde ons niet meer, onze angst was weggevaad") se torna: "e a situação, para hoje, estava salva" ("und die Situation war fur heute gerettet") (18 de maio de 1943).

84. Tomei nota desses poucos exemplos de incoerências no decurso de uma só amostra que não se estendeu além do lançamento 54 do texto H (18 de maio de 1943). Resolvi então iniciar uma amostra muito mais rigorosa, tendo a ver com os onze lançamentos que vão de 19 de julho a 29 de setembro de 1943 (lançamentos 60 a 73). Às incoerências resolvi aduzir as somas e as subtrações. O resultado foi tal que a simples eliminação nas diferenças anotadas tornaria necessárias diversas páginas datilografadas. Não posso fazê-lo aqui. Vou contentar-me apenas com alguns exemplos, neste caso, evitando os mais marcantes já que, infelizmente, os mais marcantes são também os mais longos para citar.

- Lançamento de 19 de julho de 1943 "pais mortos" ("dode ouders") se torna "pais" ("Eltern");
- Lançamento de 23 de julho de 1943: A apresenta, ademais, pelo menos 49 palavras, mais 3 palavras;
- Lançamento de 23 de julho de 1943: A apresenta, ademais, quatro mais quatro palavras e lhe faltam duas palavras: "over Italie";
- Lançamento de 29 de julho de 1943: A tem vinte palavras em falta e "vinte anos" ("twintig jaar") se torna "vinte e cinco anos" ("25 Jahren");
- Lançamento de 3 de agosto de 1943: esta carta de 210 palavras no texto A está inteiramente ausente no texto H;
- Lançamento de 4 de agosto de 1943: H apresenta "divã" e A "poltrona". Em H uma pulga "flutua" ("drijft") na água servida, "somente nos meses ou semanas de calor" ("allen in de hete maanden of weeken"), enquanto em A essa pulga deve "perder a vida" ("sein Lebenlassen") ali, sem qualquer outro detalhe referente à temperatura. H diz: "para usar algum algodão (encharcado) em peróxido de hidrogênio (que serve para branquear o buço de bigode preto, nela)" ("waterstofwatjes hanteren (dient om zwarte snorharen te bleken "), enquanto A diz simplesmente: "e outros segredinhos de toalete..." ("und andere kleine Toalettengeheimniss..."). A comparação de "como um riacho que desce uma montanha" ("als een beekhe van een berg") se torna "como um riacho sobre as pedras" ("wie ein Bachlein uber die kiessel"). Alguns "verbos irregulares franceses": é o que Anne pensa no texto H ("aan Franse onregelmatige wekworden"), porém, no texto A, isso somente pode ser sobre verbos irregulares holandeses, ao que parece, já que ela diz que "sonha" ("traume ich") com "verbos irregulares" ("von unregelmassigen Verben"). O texto A se conten-

ta com: "Rrrrrring, lá em cima (soa o relógio dos Van Daans) despertador" ("Krrrrr, oben der Wecker"), enquanto A diz: "Rrrr-ring... o despertadorzinho (toca), que a cada hora do dia (quando alguém quer e às vezes também quando não querem) pode fazer ouvir sua vozinha". ("Trrr...het wekkertje, dat op elk uur van de dag [als men er naar vraagt of soms ook sonder dat] zijn stemmetje kan verheffen");

- Lançamento de 5 de agosto de 1943: todo ele é uma descrição da refeição costumeira, das 1:15 da tarde à 1:45 da tarde, e das coisas que se seguem, surgindo diferenças importantes; ademais, o que se anuncia em H como "A *grande* partilha" é anunciado em A como "almoço *pequeno*" ("De grote uitdeling"/"Kleiner Lunch"). Eu sublinho os adjetivos; a ironia possível, porém não certa, desapareceu de H para A. Dos três "divãs" em H resta apenas uma "poltrona" em A;
- Lançamento de 7 de agosto de 1943: esta carta constitui um enigma interessantíssimo. Trata-se de uma carta longa, que se inicia no texto A com nove linhas introduzindo uma estória de 74 linhas intitulada *Kaatje*, bem como outra estória de 99 linhas intitulada *Katrientje*. Tal lançamento está inteiramente ausente em H. Os holandeses, por sua parte, têm conhecimento dessas estórias apenas por meio de um livro separado, intitulado *Estórias*, em que surgem, ademais, algumas outras "estórias inéditas" de Anne Frank;
- Lançamento de 9 de agosto de 1943: entre muitas coisas curiosas existem "alguns óculos com aro de chifre" ("een hoornen bril") que se tornam "alguns óculos escuros com aros de chifre" ("eine dunkle Hornbrille") no texto A;
- Lançamento de 10 de agosto de 1943: o "material de guerra" de H se torna os "canhões" ("Kanonen") de A. A frase referente ao sino no Westertoren é inteiramente diferente. E de modo especial A tem um episódio de 140 palavras que não aparece em H. Anne, que recebeu alguns sapatos novos, fala ali de uma série de infortúnios que lhe aconteceu nesse mesmo dia: ela espetara o polegar direito com uma agulha grande; batera com a cabeça na porta do aparador; devido ao ruído causado, recebeu uma "repreensão" ("Rufel"); não conseguira aliviar a testa, já que era preciso não abrir a torneira; ficara com uma equimose grande sobre o olho direito; enfiara o dedo do pé no aspirador de pó; com isso o pé se infeccionara, estava todo inchado. Resultado: Anne não pode calçar seus sapatos novos e bonitos. (O leitor

terá observado aqui a existência de um aspirador de pó em local onde o silêncio teria de ser constantemente necessário);

- Lançamento de 18 de agosto de 1943: em meio a nove diferenças, encontramos alguns "feijões" ("bonen") transformados em ervilhas verdes ("Erbsen");
- Lançamento de 20 de agosto de 1943: mencionarei apenas um exemplo de diferença: diz respeito ao pão; a narrativa se mostra notavelmente diferente e, ademais, para o texto H, esse pão se encontra situado em dois locais sucessivos: de início no aparador de aço do gabinete que dá para a rua (na casa da frente), e logo o aparador da cozinha no anexo ("stalen kast", "voorkantoor"/"Keukenkast"), enquanto A menciona apenas o primeiro local, sem demonstrar precisão quanto ao segundo; a questão desafortunada nesse caso é que o primeiro local mencionado por H é um aparador simples situado no gabinete dando para... o pátio: o gabinete de Kraler, e não o de Koophuis ("o pão, que é guardado no quarto de Kraler para nós, todos os dias")! (Quanto aos escritórios respectivos de Kraler e de Koophuis, ver lançamento de 9 de julho de 1942.) Existe aqui uma contradição material séria entre os dois textos, com mudança de palavras, de frases, etc;
- Lançamento de 23 de agosto de 1943: entre outras coisas curiosas, "ler ou estudar" ("lesen of leren") se torna "ler ou escrever" ("lesen oder schreiben"), "Dickens e o dicionário" ("Dickens en het woordenbook") se torna apenas "Dickens", alguns "almofadões" ('peluwen") se transformam em "travesseiros de edredão" ("Plumeaus") (em holandês, "travesseiros de edredão" seriam designados como "eiderdons" ou "dekbed");
- Lançamento de 10 de setembro de 1943: em meio a cinco diferenças, observo que a transmissão de rádio, que aguardavam com tanta ansiedade todos os dias, partia da Rádio-Orange (a Voz da Holanda do Exterior) e se inicia às 8:15 da noite para H e às 8:00 da noite para A;
- Lançamento de 16 de setembro de 1943: "dez valerianas" ("tien Valeriaantjes") se tornam "dez das pequenas pílulas brancas" ("zehn von den kleinen weissen Pillen"). "Um rosto comprido e boca caída" ("een uitgestreken gezicht en neerhangende mond") "uma boca de lábios apertados, com linhas de preocupação" ("einen zusammengekniffenen Mund und Sorgenfalten"). O inverno é comparado a um obstáculo temível, um inverno "mordente", que está ali presente como um "bloco pesado de pedra" ("het grote

rotsblok, dat winter heet"), não passa de um simples inverno ("dem Winter"). Um "sobretudo" ("jas") se torna "chapéu e bengala" ("Hut und Stock"). Uma frase de 24 palavras, pretendendo descrever uma cena pitoresca, se encontra reduzida a cinco palavras em alemão. Por outro lado, seis palavras em holandês se tornam 13 palavras alemãs, com um sentido muito diferente;

- Lançamento de 29 de setembro de 1943: "Um pai resmungão" ("een mopperenden vader") se torna "o pai que não está de acordo com a escolha feita por ela" ("den Vater, der nicht mit ihrer Wahl einverstanden ist"). "Energicamente" ("energiek") se torna "ganz kalt un ruhig" ("de um modo frígido e silencioso"), etc.

85. Acho inútil prosseguir com essa enumeração. Não constitui exagero dizer que o primeiro lançamento da coleção nos proporciona de certo modo o tom da coisa toda. Nessa carta curta o leitor holandês fica sabendo que em seu aniversário Anne recebeu "uma plantinha" ("een plantje"). Já os alemães têm o privilégio de tomar conhecimento de que essa planta era "um cactus" ("eine Kaktee"). Em troca os holandeses ficam sabendo que Anne recebeu "dois ramos de peônia", enquanto os alemães têm de se contentar com o saber que havia "alguns ramos de peônia" ("einige Zweige Pfingstrosen"). Os holandeses têm o direito à frase seguinte: "eram esses, naquela manhã, os filhos de Flora que sentaram à minha mesa" ("dat waren die ochtend de kinderen van Flora die op mijn tafel stonden"). No texto alemão a mesa desapareceu, bem como "os filhos de Flora" (frase curiosa e corriqueira, vinda da caneta de uma menina de treze anos; seria de esperar, em vez disso, de um adulto que buscasse laboriosa e desajeitadamente "ornamentar" seu estilo). Os alemães têm o direito de saber apenas que: "Essas eram as primeiras flores oferecidas como cumprimento" ("Das waren die ersten Blumengrusse"). Os holandeses tomam conhecimento de que Anne, nesse dia, oferecera a seus professores e colegas "alguns bolos amanteigados" ("boterkoekjes"). Já os alemães têm direito a algum "doce" ("Bonbons"). O "chocolate" presente no caso dos leitores holandeses desaparecerá no tocante aos alemães. Mais surpreendente ainda: um livro que Anne conseguirá comprar para si própria com o dinheiro que lhe acabou de ser dado naquele *domingo,* 14 de junho de 1942, no texto alemão se transforma em um livro que ela já comprara para si ("zodat ik me...kan kopen"/"habe ich mir...gekauft").

86. Por outro lado o último lançamento da coleção se mostra

idêntico nos dois textos. Isso nos confirma, se houvesse necessidade para tanto, que o tradutor em alemão – se é que vamos falar de "tradução" – mostrou-se totalmente capaz de respeitar o texto holandês. Mas já se torna evidente demais a essa altura que não se pode falar em tradução, nem mesmo de "adaptação". Será traduzir, será "adaptar" trocar *keo* por *noite* (10 de março de 1943)? *Livros* por *sapatos* (13 de janeiro de 1943)? *Doce* por *bolos amanteigados* (14 de junho de 1942)? *Gigantes* por *fascistas* (20 de outubro de 1943)? E *"velas"* se traduz por *"dia"* e *"gato"* por *"tarântula"*? *"Flutuar"* por *"morrer"*? *"Grande"* por *"pequeno"* (4 de agosto de 1943)? Somente mágicos podem transformar um sobretudo em chapéu e bengala. No caso da Sra. Anneliese Schutz e o Sr. Frank, a mesa desaparece (14 de junho de 1942) e o lance de escadas some (o lançamento holandês de 17 de setembro de 1943 menciona um lance de escadas muito singular, que teria dado *diretamente* às pessoas ali escondidas: "die direct naar boven leidt"). Muda o lugar onde se guarda o pão. O que se encontra atrás volta a ser encontrado na frente (gabinete de Kraler). Os números aparecem e desaparecem. As horas mudam. Os rostos também mudam. Os acontecimentos se multiplicam e desaparecem. Os seres, bem como as coisas, estão sujeitos a eclipses e a mudanças repentinas. Anne, poderíamos dizer, volta do túmulo a fim de estender uma de suas narrativas ou então encurtá-la; às vezes ela escreve outra, ou mesmo a reduz a nada.

87. Dez anos após sua morte o texto de Anne continua a mudar. Em 1955 a casa editora Fischer publica seu *diário* como livro de bolso e num formato "discretamente" refeito. O leitor pode de modo especial comparar os seguintes lançamentos:

- 9 de julho de 1942: "Hineingekommen...gemalt war" (25 palavras) substituído por: "Neben...gemalt war" (41 palavras). O aspecto de uma porta!
- 11 de julho de 1942: "bange" substituído por "besorgt";
- 21 de setembro de 1942: "gerugt" substituído por "gescholten" e "drei Westen" mudando para "drei Wolljacken";
- 27 de setembro de 1942: "mit Margot bin ich nicht mehr so intim" se torna: "mit Margot verstehe mich nicht sehr gut";
- 28 de setembro de 1942: "besturzt" é substituído por "erschuttert";
- 7 de novembro de 1942: "ohne den Hergang zu kennen" torna-se: "ohne zu wissen, worum es ging" e "Er ist mein Ideal" se torna: "Er ist mein leuchtendes Vorbild". Essa última modificação no

texto não é destituída de sabor, quando sabemos que se trata aqui do pai de Anne. O Sr. Frank não é mais um "ideal" para a filha, porém "um modelo refulgente"! Outra alteração: "und das Aergste ist" se torna: "und am schlimmesten ist";

- 7 de agosto de 1943: indiquei acima (ver parágrafo 84) esta carta muito comprida que contém duas estórias. Suponho que tais estórias existissem no original que fora reservado para eles e que tenham sido errôneamente inseridas no *Diário*. Nesse caso é de se perguntar quem escreveu as nove linhas da introdução, nas quais Anne pergunta de modo especial a seu correspondente se acredita que suas estórias posam vir a agradar as crianças.

88. Estas últimas modificações foram feitas de um texto alemão para outro texto alemão. Não poderiam, portanto, ter a desculpa de uma tradução mal feita ou caprichosa. Elas provam que o autor do *Diário* – é o termo que uso de ordinário para a pessoa responsável pelo texto que estou lendo – ainda estava vivo em 1955. Do mesmo modo, ao descobrir o texto alemão de 1950 (edição Lambert-Schneider), verifiquei que o autor do *Diário* (autor particularmente prolífico) continuava vivo em 1950. Esse autor não podia ter sido Anne Frank que, como sabemos, faleceu em 1945.

89. Nas comparações que fiz dos textos, segui a ordem cronológica oficial. Mostrei como o texto impresso em holandês (1947) colidia com o primeiro texto impresso alemão (1950) que, por sua vez, passou por alguma estranha metamorfose no segundo texto impresso alemão (1955). Falando cientificamente, todavia, nada prova que a ordem cronológica de publicação reflita a ordem cronológica de composição. Como exemplo, poderiam ter havido alguns originais em alemão que antecedessem a juntada dos originais holandeses. Poderia suceder que um esboço do modelo ou da "primeira edição" houvera sido escrito em alemão. Poderia também suceder que esse modelo ou tal esboço, depois de dar origem a um texto traduzido ao holandês, houvesse dado nascimento também a um texto alemão inteiramente re-escrito. Poderia ser que por diversos anos alguns textos muitos diferentes entre si houvessem assim convivido em simbiose. A tal fenômeno se chama o fenômeno da contaminação. Mesmo assim se mostra claro que o Sr. Frank não pode invocar esse argumento, o da contaminação dos textos, já que existe, ao que declara, um só texto: o dos originais holandeses. Por certos períodos naqueles vinte e cinco meses na Prinsengracht é possível que os originais diferentes do *Diário* nos ofereçam algu-

mas leituras em variação; mesmo assim tais leituras variantes não poderiam nos proporcionar os absurdos e incoerências inumeráveis que vimos. Quanto a outros períodos como o de todo um ano (de 6 de dezembro de 1942 a 21 de dezembro de 1943) quando, ao que o próprio Sr. Frank reconhece, temos à nossa disposição apenas uma versão, não deveria existir a menor leitura variante, tampouco o menor desacordo entre o texto H e o texto A. É por esse motivo que escolhi nesse período o número maior de meus exemplos de incoerências.

90. Pude observar em minhas amostragens um número nem maior nem menor de incoerências, durante esse período, do que durante os demais períodos. De modo uniforme o texto H nos apresenta uma Anne Frank que possui, senão os traços, pelo menos se ajusta ao estereótipo da adolescente jovem, enquanto o texto A nos oferece o estereótipo da adolescente já próxima, em alguns aspectos, de se tornar uma mulher madura. Existem no texto A alguns trechos que são incompatíveis com as passagens correspondentes no texto H e mesmo formalmente incompatíveis com toda a substância de todo o texto H. É quando atingimos o ápice do intolerável na manipulação dos textos. Aqui temos, por exemplo, a carta de 5 de janeiro de 1944. Anne confessa que antes do período em que se esconderam, isto é, antes da idade de treze anos, lhe ocorrera enquanto passava a noite em casa de uma amiga, a necessidade de beijá-la: "...Senti um desejo forte de beijá-la e o fiz..." ("een sterke behoefte had haar te zoenen en dat ik dat ook gedaan her"). No texto A temos uma jovem de treze anos que se mostra bem mais sabedora. É onde Anne perguntou à sua companheira de uma noite se, como sinal de sua amizade, podiam apalpar os seios uma da outra. Mas a companheira se recusara e Anne, que parece ter prática nesse assunto, aduz: "Mesmo assim achei agradável beijá-la e a beijei" ("fragte ich sie, ob wir als Beweis unserer Freundschaft uns gegenseitig die Bruste befühlen wollten, aber sie weigerte sich. Ich fand es immer schon, sie zu küssen, und habe es auch getan"). Quanto aos sentimentos sexuais de Anne, recomendo igualmente a leitura comparada dos textos H e A de 7 de janeiro de 1944.

Mostra-se espantoso que o leitor holandês tenha sido privado de tantas revelações que foram reservadas pelo Sr. Frank e Anneliese Schutz à... avó de Anne, que era tão "idosa" (ver acima o parágrafo 54). O que dizer das revelações, também no texto A, sobre gostos musicais ou conhecimentos de música que os holandeses

não tiverem o direito de conhecer (e por qual motivo, afinal de contas?)! O texto A da carta de 9 de junho de 1944 nos reserva os direitos esclusivos a uma dissertação de 200 palavras sobre a vida de Liszt (tratada por uma Anne muito feminista como "caçador de saias"/"schurzenjager"), de Beethoven, Wagner, Chopin, Rossini, Mendelsohn. Muitos outros nomes são mencionados: Hector Berlioz, Victor Hugo, Honoré de Balzac... O lançamento de 20 de fevereiro de 1944 (220 palavras) não se encontra no texto H. Ele contém, todavia, alguns elementos de importância excepcional, por muitos pontos de vista. Dussel tem o hábito de assoviar "das Violin-Konzert von Beethoven"; o emprego do tempo aos domingos é revelado ao leitor; devemos reconhecer que um aspecto sobre o uso desse tempo, pelo menos, se mostra mais do que perturbador: o Sr. Frank em macacão, de joelhos, batendo o tapete com tamanho entusiasmo que todo o quarto se enche com nuvens de poeira ("Vater liegt im Overall auf den Knien und burstet den Teppich mit sochem Elan, dass das ganze Zimmer in Staubwolken gehullt ist"). Além do ruído que tal trabalho teria causado em lugar onde mesmo à noite, quando os vizinhos não estão por perto, é necessário não tossir, mostra-se óbvio que a cena é descrita por alguém que não poderia tê-la visto: um tapete jamais se bate desse modo, no soalho de um aposento, no próprio lugar onde se empoeirou. No lançamento de 3 de novembro de 1943, um fragmento de 120 palavras que não aparece no texto H, nos revela outro caso em que o tapete era escovado todas as noites por Anne no "ofenluft" (o ar que vinha do fogão) e isso porque o aspirador de pó ("der Staubsauger") "ist kaputt" (aquele famoso aspirador que, pelo que afirma o Sr. Frank, não podia ter existido; ver acima, parágrafo 37). Quanto ao conhecimento ou as idéias de Anne sobre a questão de acontecimentos históricos ou políticos, faremos algumas descobertas nos lançamentos de 6 de junho, 13 de junho e 27 de junho de 1944. Quanto ao caráter de Peter, encontraremos revelações no lançamento de 11 de maio de 1944. Esse lançamento de 400 palavras não se apresenta no texto H mas mesmo assim, no texto H, encontramos uma carta dessa data de 11 de maio; o texto correspondente, entretanto, no texto A, surge a 12 de maio! Peter desafia sua mãe enquanto a chama de "a velha" ("Komm mit, Alte!"). Nada parecido com o Peter do texto H!

91. Seria interessante submeter cada um dos personagens principais do texto H e do texto A à análise por psicólogos ou psiquiatras. De modo especial Anne apareceria sob traços de caráter pro-

fundamente contraditórios. Isto, no entanto, é puramente hipotético. Acredito que na verdade tais analistas verificariam que Anne não tem consistência mais real do que uma invenção total, de facetas sem relação entre si. As poucas e alegadas descrições de Anne que pude encontrar me convenceram de modo especial que seus autores leram o *Diário* de modo muito superficial. É bem verdade que a aridez de suas descrições poderia ser explicada pela aridez do assunto descrito. Um estereótipo chama outro, assim como uma mentira chama a seguinte.

92. A linguagem e o estilo do texto H se esforçam por ser característicos de uma jovem adolescente, inocente e canhestra. A linguagem e o estilo do texto A se esforçam por ser característicos de uma adolescente já perto, em alguns aspectos, de ser uma mulher. Isto se torna evidente com simplicidade e com base em trechos que mencionei – trechos que não escolhi, todavia, com a intenção de examinar a linguagem e o estilo das duas Anne Frank.

93. O Sr. Frank se entregou a certa medida de criar enredos. Isso se vê com facilidade quando notamos como transformou o texto alemão impresso de 1950 (Lambert-Schneider) a fim de formar com ele o texto impresso por Fischer (1955). Foi nessa ocasião, de modo especial, que ele levou sua filha Anne a dizer que seu pai é seu "ideal" (versão 1950); e depois, pensando melhor, que ele era o "modelo refulgente" da filha (versão 1955). Tal inclinação aos enredos não chegou subitamente ao Sr. Frank. Ao que somos informados por uma das ex-professoras de Anne, ele tinha a idiossincrasia inofensiva de compor histórias e poemas com a filha ("Às vezes ela lhe contava enredos e poemas que compusera juntamente com o pai": *Anne Frank: A Portrait in Courage,* página 41). Isso ocorreu por volta de 1940. Anne tinha onze anos de idade e seu pai cinqüenta e um. Em 1942 o Sr. Frank, ex-banqueiro em Frankfurt e ex-comerciante e homem de negócios em Amsterdam, fez uma aposentadoria forçada com a idade de cinqüenta e três anos. Não creio que sua inclinação para escrever tenha desaparecido com os longos dias de inatividade. De qualquer modo o *Diário* quase não nos dá qualquer informação sobre o que o Sr. Frank fez com os seus dias, mas o que importa? O Sr. Frank é um contador de estórias que se revelou como tal. O drama dos narradores de estórias é que eles sempre as aumentam. Nunca cessam de retocar, refazer, eliminar, corrigir. Fazendo isso acabam incorrendo na desconfiança de algumas pessoas. E é brinquedo, para essas pessoas, provar que se trata de enredos e estórias. Mostra-se muito fácil

confundir o Sr. Frank. Basta ter à mão o texto H e uma das duas versões diferentes do texto A. Basta lembrar-lhe que ele declarou por escrito aos holandeses: "Eu lhes asseguro que aqui, em tal e qual data, Anne escreveu *dia* ou *sapatos* ou *bolos amanteigados* ou *fascistas* ou *grande*", enquanto aos alemães ele declarou por escrito, com relação aos mesmos lugares e às mesmas datas: "Eu lhes asseguro que Anne escreveu: *noite* ou *livros* ou *doce* ou *gigante* ou *pequeno*". Se o Sr. Frank disse a verdade no primeiro caso, então temos uma estória no segundo. E vice-versa. Ele contou uma estória aqui, ou a contou ali. *Ou então* — e isto é o mais provável — *ele inventou a estória aqui e ali.* De qualquer modo jamais alguém poderia afirmar que o Sr. Frank, nessa questão do *diário,* é um homem que tenha narrado a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade.

94. O *Diário* não pode ser autêntico de modo algum. A consulta de originais alegadamente autênticos se mostra desnecessária. A bem do fato nenhum original do mundo poderia atestar que Anne Frank houvesse conseguido êxito no feito miraculoso de escrever duas palavras ao mesmo tempo e — o que é mais — duas palavras com sentidos incompatíveis e — mais ainda — dois textos completos ao mesmo tempo, que se mostram durante a maior parte do tempo inteiramente contraditórios. Está muito bem compreendido que todos os textos impressos podem ter um esquema crítico com suas leituras variantes, notas explicativas, indicações da existência de interpolações possíveis, etc. Mas já afirmei (ver acima, parágrafo 88) que quando alguém tem à sua disposição apenas um original, não existe mais leitura variante possível (exceto em casos específicos: dificuldades em decifrar uma palavra, erros nas edições anteriores, etc). E quando alguém tem à sua disposição diversos originais (dois, quando muito, para certos trechos do *Diário;* talvez três em alguns casos limitados) é suficiente eliminar esses períodos e aqueles casos a fim de se confinar rigorosamente aos trechos e casos onde se mostra necessário contentar-se com um só original (aqui, o período de 6 de dezembro de 1942 a 21 de dezembro de 1943).

95. À hipótese até aqui inconcebível pela qual existiria um original autêntico, afirmo que nenhum dos textos impressos pode proclamar-se como reproduzindo o texto do original. A tabela seguinte esclarece, na verdade, que a edição Fischer de 1955 vem na oitava posição na sucessão das formas variáveis do *Diário.*

Para compreender essa tabela, referência especial é feita aos parágrafos 52 e 53.

Tabela Cronológica ("Oficial") de Formas Sucessivas do Texto do Diário:

I. O Original de Anne Frank;
II. Cópia por Otto Frank, depois por Otto Frank e Isa Cauvern;
III. Nova Versão da cópia por Otto Frank e Isa Cauver;
IV. Nova-Nova Versão da cópia por Albert Cauvern;
V. Nova-Nova-Nova Versão por Otto Frank;
VI. Nova-Nova-Nova-Nova Versão por Otto Frank e os "Censores";
VII. Edição da Contact (1947);
VIII. Edição Lambert-Schneider (1950), radicalmente diferente da anterior e até mesmo incompatível com ela;
IX. Edição Fischer (1955) retomando a anterior em uma forma "discretamente" (?) retrabalhada e retocada.

Podemos naturalmente afirmar que (V) tenha sido talvez uma cópia fiel de (IV). O mesmo para (VII) em relação a (VI). Isso seria supor que o Sr. Frank, que retrabalhou esse texto continuamente, houvesse de repente se abstido de fazê-lo no momento de recopiar o texto (IV) sem qualquer testemunha e no momento da correção provável das provas de oficina para (VIII). Pessoalmente sustento essas nove etapas como o mínimo, ao que é necessário na verdade aduzir mais uma, duas ou três "cópias" para o texto (VIII).

96. O único interesse nos estudos dos originais alegadamente escritos por Anne Frank seria trazer à luz alguns elementos ainda mais esmagadores contra o Sr. Frank: por exemplo, algumas cartas ou fragmentos de cartas que nunca foram publicados (os motivos para essa não-publicação deveriam ser examinados detidamente, sem confiar nas razões apresentadas pelo Sr. Frank, que sempre apresenta uma coloração sentimental muito suspeita); também por exemplo, alguns nomes muito mutáveis para os "correspondentes" de Anne (a idéia de mostrá-la sempre se dirigindo à mesma "Kitty" parece ser uma idéia tardia).

97. O raciocínio que consistiria em afirmar que no *Diário* haveria, ainda assim, uma base de verdade, seria raciocínio destituído de valor. Em primeiro lugar porque se tornaria necessário *conhecer* essa verdade ou poder distinguí-la no emaranhado das

ficções óbvias; a mentira, na maior parte das vezes, é apenas a arte de adaptar a verdade. Nesse caso, como um trabalho da mente (exemplo disso é a redação de um "diário") não se define por uma base, mas por uma unidade de forma: as formas de uma expressão escrita, as formas que uma pessoa lhe deu de uma vez e por todas, qualquer que seja o resultado.

98. O raciocínio que consistiria em dizer que só houve algumas mudanças entre tal e qual forma do *Diário* é falaciosa. A palavra "mudanças" é vaga demais. Ela permite, conforme o gosto de cada pessoa, todos os tipos de combinações ou, de modo especial, todos os tipos de desculpa. Ademais uma mudança pode acarretar, como vimos, uma só palavra ou um texto de 1.600 palavras!

99. De minha parte, chamei atenção para diversas centenas de alterações ou mudanças, somente entre o texto holandês e qualquer dos dois textos – que diferem um do outro – que foram publicados na Alemanha. Chamo a essas mudanças: *acréscimos, subtrações, transferências* e *alterações* (por substituições de uma palavra por outra, ou de um grupo de palavras por outro – essas palavras e esses grupos de palavras sendo *incompatíveis* uns com os outros, mesmo se, pela mais rara das exceções, o sentido pudesse ser mantido). O conjunto dessas mudanças deve afetar aproximadamente 25.000 palavras do texto Fischer que em si mesmo deve ter 77.000 palavras (este é, de qualquer modo, o número que tomo por base).

100. A tradução francesa de *Het Achterhuis* pode ser chamada de "tradução", a despeito da ausência de um dos 169 lançamentos da edição holandesa Contact e a despeito de algumas franquezas e também algumas coisas bizarras que nos levam a pensar que restam ainda descobertas perturbadoras a ser feitas. (*Journal de Anne Frank* Het Achterhuis, traduzido do holandês por T. Caren e Suzanne Lombard, Calmann-Levy, 1950, impresso em 5 de janeiro de 1974, 320 páginas). A edição Lambert-Schneider não pode ser apresentada como tradução, de modo algum. Quanto à edição Fischer não pode chamar-se de reprodução da edição Lambert-Schneider, nem de tradução de *Het Achterhuis*.

101. Esse conjunto impressionante de acréscimos, subtrações, transferências, alterações; essas ficções do Sr. Frank; essas desonestidades dos redatores; essas intervenções de estranhos, amigos do Sr. Frank, a existência de dois livros tão diferentes apresentados como sendo um só e o mesmo *Diário* de Anne Frank – tudo isso revela uma obra que não pode de modo algum manter o prestígio

ligado a um testemunho autêntico. As incoerências dos diversos textos são de todos os tipos. Elas dizem respeito à linguagem e ao estilo, à extensão e forma dos pedaços que compõem o *Diário*, o número e o tipo de casos apresentados, a descrição das dependências, menção de realidades materiais, os diálogos, as idéias intercambiadas, os gostos expressos; para agir em respeito às próprias personalidades dos personagens principais, a começar com a personalidade de Anne Frank, personalidade essa que dá a impressão de viver em um mundo de ficção pura.

102. Embora se oferecendo como avalista pessoal da autenticidade desse trabalho, que é ficção pura, o Sr. Frank, que ademais interveio de modo óbvio em todas as etapas da gênese do livro, assinou o que adequadamente se pode chamar uma impostura literária. O *Diário* de Anne Frank veio ser colocado na prateleira já abarrotada de memórias falsas. Nosso período pós-guerra foi fértil em obras ou escritos desse tipo. Entre tais obras falsas, apócrifas ou suspeitas (quer em sua inteireza ou em inserções de elementos estranhos) podemos mencionar: os diversos "testemunhos" de Rudolf Höss, Kurt Gerstein, Miklos Nyiszli, Emmanuel Ringelblum, as memórias de Eva Braun, Adolf Eichmann, Walter Schellenbert, mas também o documento intitulado "Oração de João XXIII pelos Judeus". Devemos mencionar de modo especial os diários falsos forjados pelo Instituto Histórico Judeu em Varsóvia e denunciados pelo historiador francês Michel Borwicz, de origem judaica polonesa; em meio a esses diários pode aparecer o de certa Therese Hescheles, com treze anos de idade.

103. Peço que as pessoas não confundam a direção que dei à minha pesquisa sobre a autenticidade do *Diário* de Anne Frank. Mesmo se minha convicção pessoal fosse de que o trabalho veio do Sr. Frank; mesmo se eu achasse que à média de duas cartas por dia, três meses teriam sido bastantes para ele preparar a primeira versão dessa ficção canhestra; mesmo se eu achasse que ele não acreditasse que seu trabalho pudesse obter tamanho sucesso (que, ao mesmo tempo, arriscaria levar seus defeitos terríveis a se tornarem ainda mais evidentes); mesmo se eu achasse que é possível encontrar mil circunstâncias atenuantes para o que ele fez; mesmo se eu tivesse a convicção de que ele não buscara de modo algum forjar uma impostura tão grande, mas que se viu arrastado pelas circunstâncias a assegurar que todos os resultados extraordinariamente brilhantes de uma empreitada humilde e banal

— *a despeito de tudo isso,* a verdade me obriga a dizer que o *Diário de Anne Frank é apenas uma simples impostura literária.*

O Pós-Escrito do Redator Francês (1980)

O relatório que você acabou de ler não se destinava à publicação. Na opinião do Professor Faurisson, constituía apenas uma peça, entre outras, de um trabalho que ele pretendia dedicar ao *Diário* de Anne Frank.

Nós o publicamos hoje — a despeito da reticência de seu autor que, por sua parte, teria contado com publicação mais extensa, incluindo alguns elementos que ainda estão sendo estudados — porque a imprensa francesa e a imprensa estrangeira criaram um clamor sobre a opinião do professor quanto ao *Diário* de Anne Frank. O próprio público pode sentir a necessidade de julgar esses trabalhos. Assim, desejamos pôr parte de tais trabalhos à disposição do público. O leitor pode por isso mesmo emitir seu próprio juízo sobre os métodos de trabalho de Faurisson e sobre os resultados a que eles o levaram, em agosto de 1978.

Este relatório, na forma exata (ver a página seguinte) sobre o qual o publicamos, já tem existência oficial. Foi em agosto de 1978 que o remeteram, em sua versão alemã, ao advogado Jurgen Rieger, a fim de ser apresentado como prova em um tribunal de Hamburgo. O Sr. Rieger ainda era e continua sendo hoje o defensor de Ernst Romer, submetido a julgamento por ter expresso publicamente *suas dúvidas* quanto à autenticidade do *Diário.*

O tribunal, após ter ouvido as partes e iniciado o exame da base do litígio, resolveu para a surpresa de todos adiar qualquer nova sessão *sine die.*

De acordo com o cenário costumeiro, desde o momento em que o julgamento se abriu a imprensa ditou ao tribunal a conduta a ser adotada. O Partido Social Democrático do Chanceler Helmut Schmidt entrou nas linhas de frente da batalha e em longa carta adotou vigorosa posição a favor do Sr. Frank. Para esse partido político a questão era julgada antecipadamente e a autenticidade do *Diário* fora provada desde muito tempo.

O tribunal em questão, a despeito dos esforços do Sr. Rieger de iniciá-lo mais uma vez, jamais emitiu seu julgamento. A imprensa alemã declarou o fato de que o Sr. Otto Frank tinha ainda de

esperar para que "a justiça fosse feita".

Mesmo assim essa recusa a prosseguir o julgamento constitui progresso. Em caso semelhante o professor Faurisson preparou um relatório de cinco páginas resumindo suas pesquisas e conclusões sobre as "câmaras de gás". Essa declaração estava assinada e a assinatura foi reconhecida. O professor chegara a ponto de citar o texto do *journal officiel* da república francesa, esclarecendo que uma legalização da assinatura na França era válida na Alemanha Ocidental. Uma perda de esforço: dos motivos apresentados para a condenação, o tribunal decretou que "Faurisson" era apenas um pseudônimo. Pelo mesmo motivo, recusou o testemunho do professor norte-americano Arthur R. Butz.

A justiça é igual para todos, sujeita ao *exceptio diabólica.*

*Com uma exceção. O relatório inicial continha um apêndice Nº 3, que consistia numa declaração feita por professor de universidade francesa, altamente considerado por sua competência na questão de crítica textual. A última frase dessa declaração é a seguinte: "É certo que os costumes de comunicação literária autorizam o Sr. Frank, ou qualquer outra pessoa, a construir tantos personagens fictícios de Anne Frank quantos ele quiser, mas na condição de que não pretenda com isso que tais seres fictícios sejam idênticos ao personagem de sua filha". Essa argumentação vinda de uma autoridade, isto é, a declaração de um acadêmico eminente sobre a qualidade do trabalho executado, é por si mesma apresentável em tribunal, mas não se justifica em debate público. Ademais, dois outros professores estavam-se preparando para chegar às mesmas conclusões quando, de súbito, o "caso Faurisson" irrompeu na imprensa em novembro de 1978. Tais professores prudentemente resolveram abster-se. Por conseqüência, resolvemos não dar o nome a pessoa alguma. Tendo se tornado público o debate, cabe a cada um decidir se quer intervir publicamente.

Apêndice
fotografias

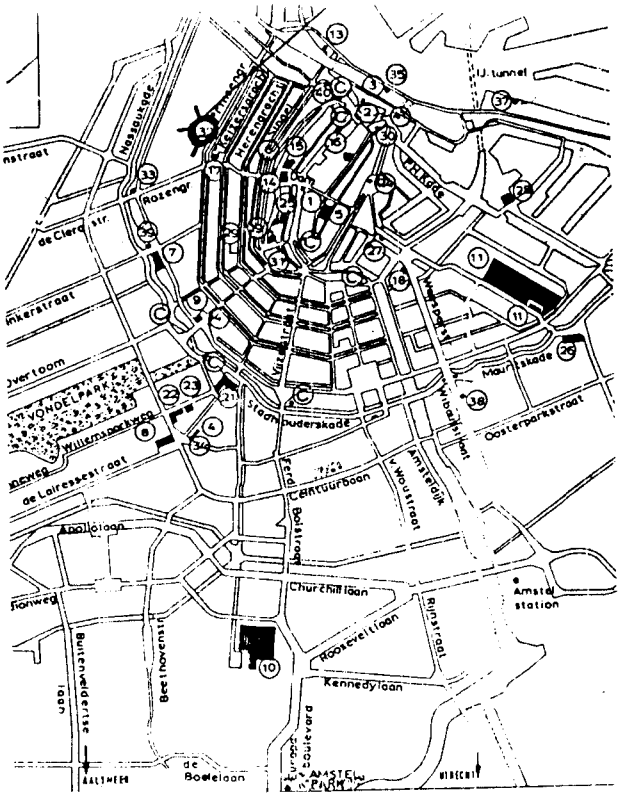


Foto Nº 1

Mapa de Amsterdam, do número 263 da rua Prinsengracht, lugar movimentado e situado no próprio centro da cidade.

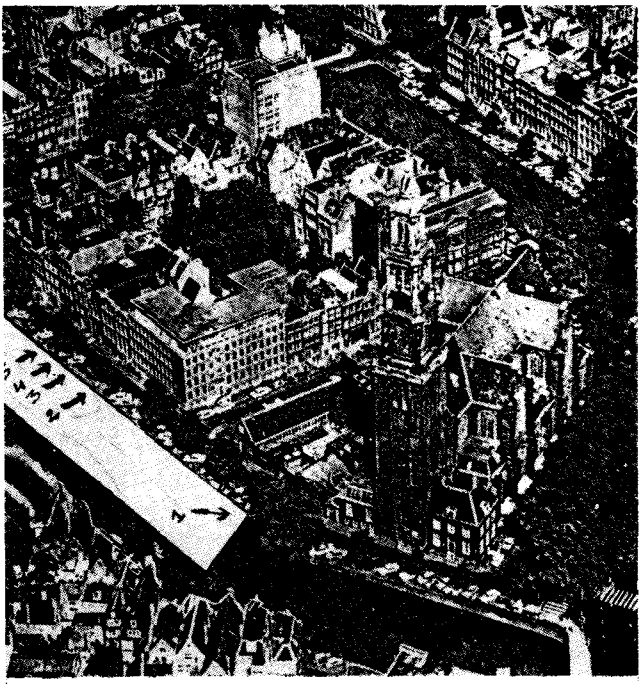


Foto Nº 2

Vista aérea do edifício número 263 da Prinsengracht. Um edifício pitoresco e típico da velha Amsterdam. Acha-se cercado por edifícios do mesmo tipo, visíveis de qualquer parte, de modo especial da torre na igreja de Westerkirk.

1. A igreja Westerkirk.
2. A "casa de Anne Frank" (construção recente).
3. Casa Nº 265 (e anexo com telhado preto).
4. Casa Nº 263 (com anexo de telhado vermelho): a "Casa de Anne Frank".
5. Casa Nº 261, com longo telhado vermelho (sem anexo). Note-se como da vizinhança se juntam em torno de um espaço verde central: a Casa de Anne Frank e seu "anexo" estavam expostos de todas as direções, a despeito das árvores.

Foto ? 3

Uma foto do Nº 263 da Prinsengracht, casa de Anne Frank, em 1940 (fachada dando para o canal; à esquerda o Nº 261 e à direita o Nº 265). Um edifício de cinco andares, "casa das janelas" (sem persianas).

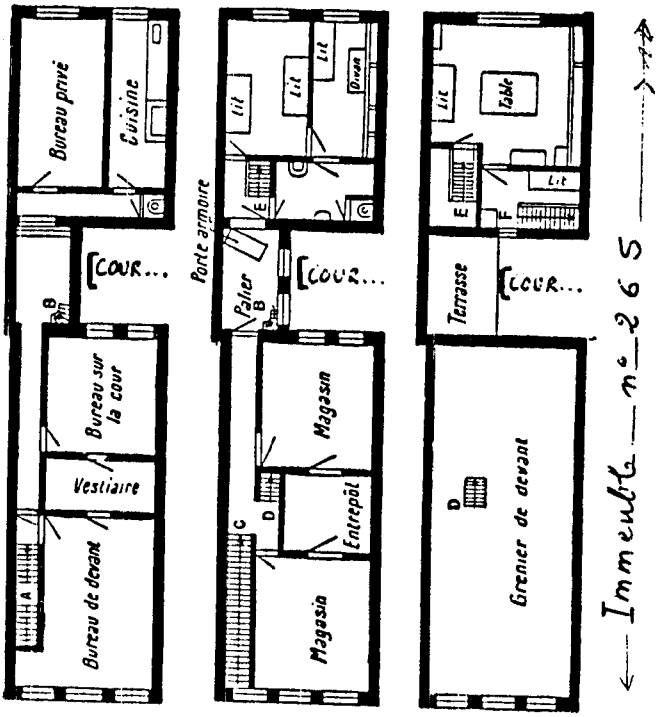
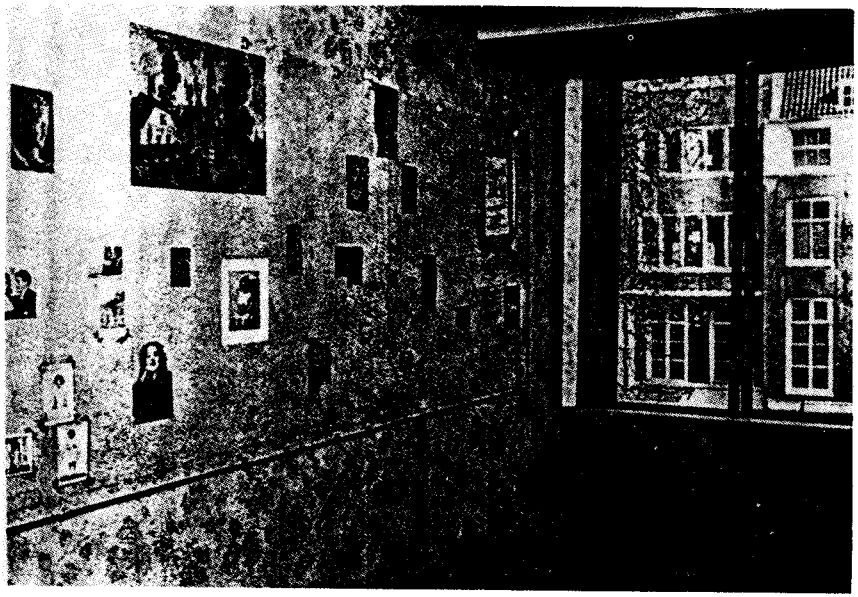


Foto Nº 4

A planta do Nº 263 da rua Prinsengracht (1942-1944) que o Sr. Frank apresenta aos leitores. Falta-lhe uma planta do piso térreo, bem como qualquer indicação de que o espaço separando a casa dianteira do anexo seja um pátio pequeno, 3,7 metros em tamanho, comum àquela casa e à da direita. As oito pessoas viviam escondidas no anexo. Os quatro Franks e Dussel no segundo andar, os três Van Daans no terceiro. No segundo andar, a porta/aparador no patamar ligava a casa ao anexo. Essa planta, a que fiz adições, aparece em todas as edições do *Diário*. Não parece estar em escala: a fachada do edifício tem aproximadamente oito metros de largura e o pátio apenas 3,7 metros. Para ter uma visão do todo, ponha os três andares indicados aqui, em cima um do outro, e adicione a eles, no primeiro andar, um andar térreo e no quinto andar alguns sótãos tipo mansarda, aos quais as escadas D e F levam respectivamente.

À esquerda a "entrada secreta", com a ampla janela à direita...
À direita a "entrada secreta" fechada.



o quarto de Anne Frank e do dentista Dussel, com vista para as residências em frente e portanto totalmente visível também a essas.

Fotos Nºs 7-11

Quatro fotos reveladoras. Os vizinhos à direita (Nº 265 da Prinsengracht) poderiam com facilidade ver e ouvir o que ocorresse no Nº 263 da Prinsengracht. As fotos 9 e 10 provam que eles tinham sete aberturas que davam para o Nº 263.

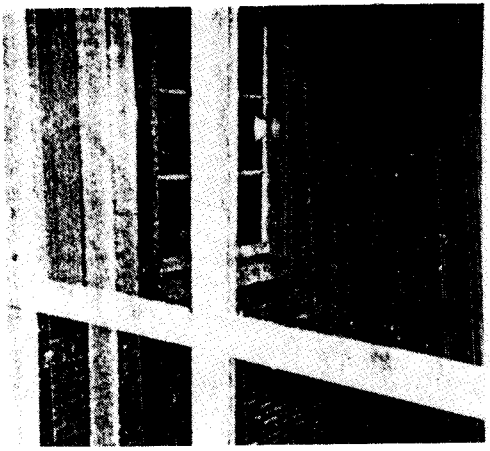


Foto Nº 7

1. Você está no segundo andar, a uma das duas janelas da loja, dando para o pátio. Note à esquerda da calha a segunda janela do famoso corredor e, à sua direita, a parede do "anexo".

Foto Nº 8

2. Você está no corredor. Observe à esquerda o aparador giratório na posição aberta e, à direita, pela janela, a parede do "anexo".

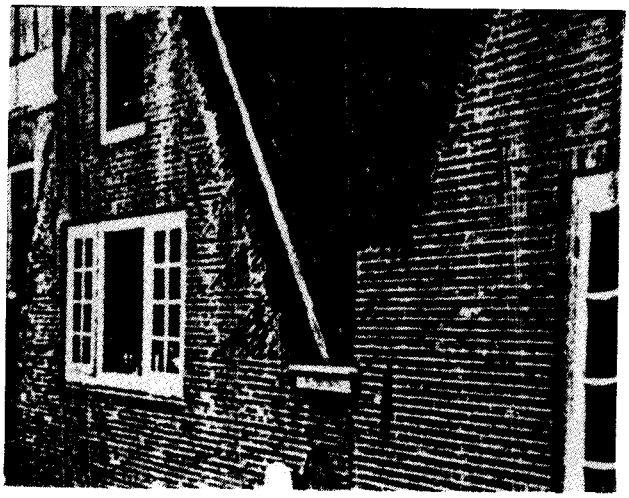


Foto Nº 9

3. Você está no terceiro andar do terraço de ligação entre o "anexo" e a "casa da frente": a) o primeiro frontão dando para o pátio (à sua direita) pertence à casa de Anne Frank; o outro é aquele da casa vizinha (Nº 255); b) da mesma posição, mas olhando acentuadamente para baixo sobre o pátio, notamos seis aberturas: a primeira, à nossa direita, pertence à casa de Anne Frank e as cinco outras à casa vizinha (Nº 265); c) avançando pelo terraço notamos acima de nós a torre do sino da Westerkirk, bem como a "Casa de Anne Frank" (construção recente).

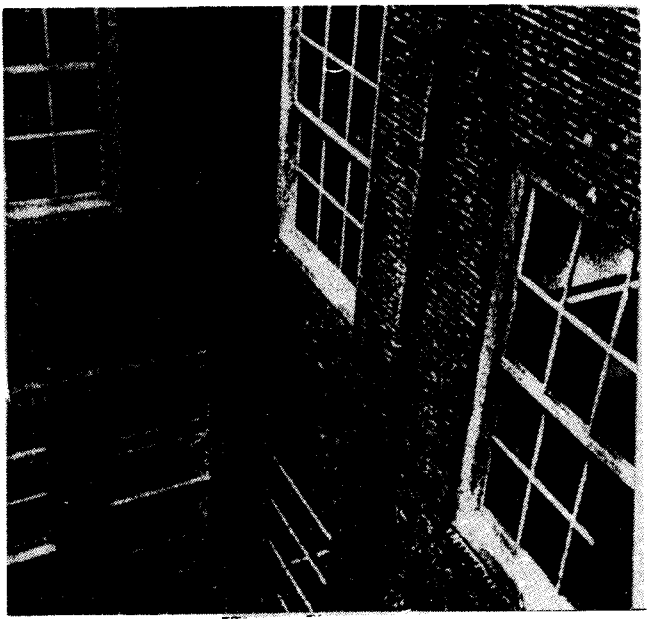


Foto Nº 10 (3b)

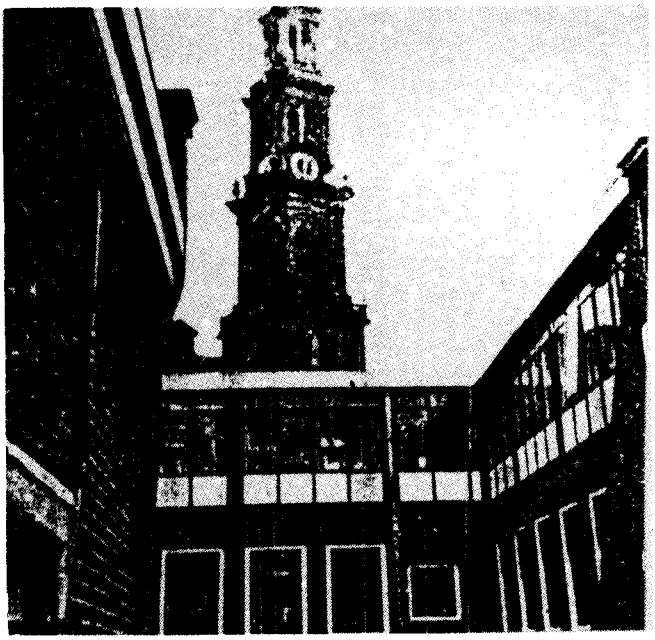


Foto Nº 11 (3c)

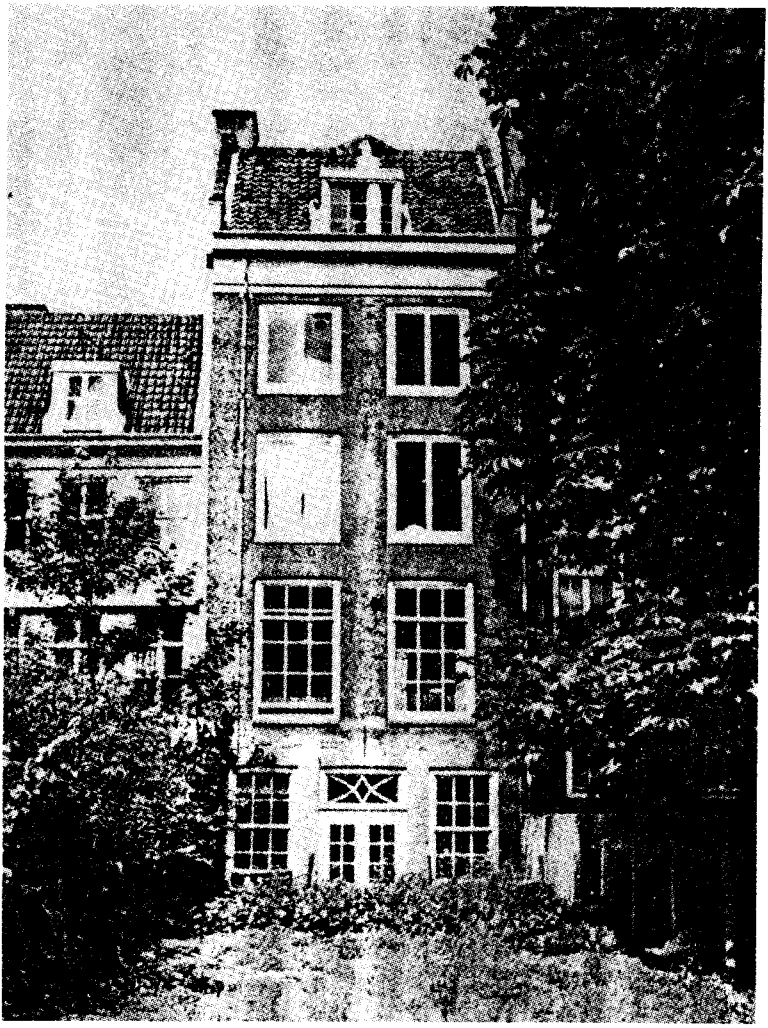


Foto Nº 12

A parte traseira do anexo; vista tomada do pé do edifício na rua Kaisersgracht. O jardim oferece acesso fácil à casa de Anne Frank e esse espaço verde sempre foi comum aos números 263 da Prinsengracht e 190 da Kaisersgracht. Os vizinhos podiam ver facilmente as aberturas e fechamentos das cortinas (feitas de pedaços de panos "de todos os tipos, qualidades e padrões diferentes"), a fumaça saindo pela chaminé à esquerda ("365 dias por ano")!, etc. Os habitantes do "anexo" não podiam passar despercebidos e o próprio "anexo" menos ainda, por mais que o Sr. Frank diga o contrário!

Fotos Nº 13 e 14
Dois espécimes da escrita atribuída e Anne Frank.

Ik zal hoop ik aan jou alles kunnen
toevertrouwen, zoals ik het nog aan
niemand gekund heb, en ik hoop dat
je een groote steun aan me zult zijn
Anne Frank. 12 Juni 1942.

Dit is een foto, zoals
ik me zou wensen.
altijd zo te zijn
Dan had ik nog wel
een kans om naar
Hollywood te komen.
Anne Frank

a.a.g. – novum photo Roger-Viollet 10 Oct 1942

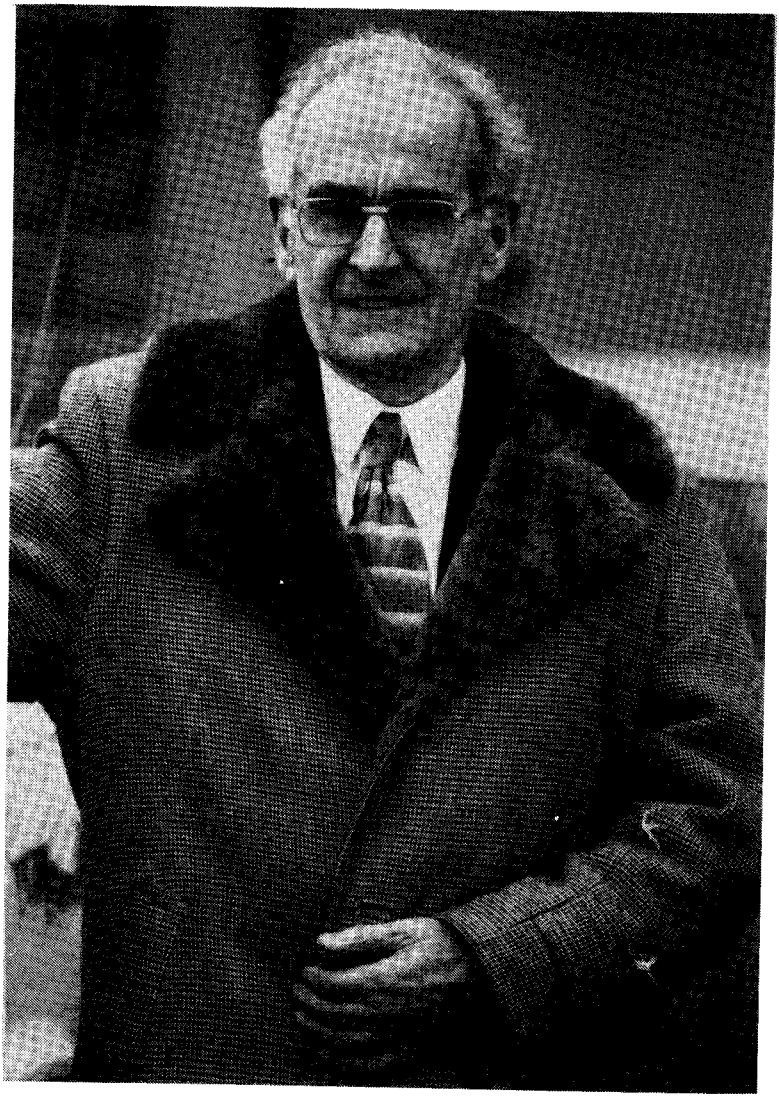
Dois exemplos de escrita atribuída a Anne Frank. Se pudermos acreditar nessas datas, os dois textos foram escritos com quatro meses de diferença. Podemos comparar separadamente tanto os próprios textos quanto suas assinaturas. O primeiro documento é o facsímile epígrafo do *Diário (Journal de Anne Frank)*, Livre de Poche, D. L. A escrita "adulta" é de quatro meses antes da grafia "infantil"!

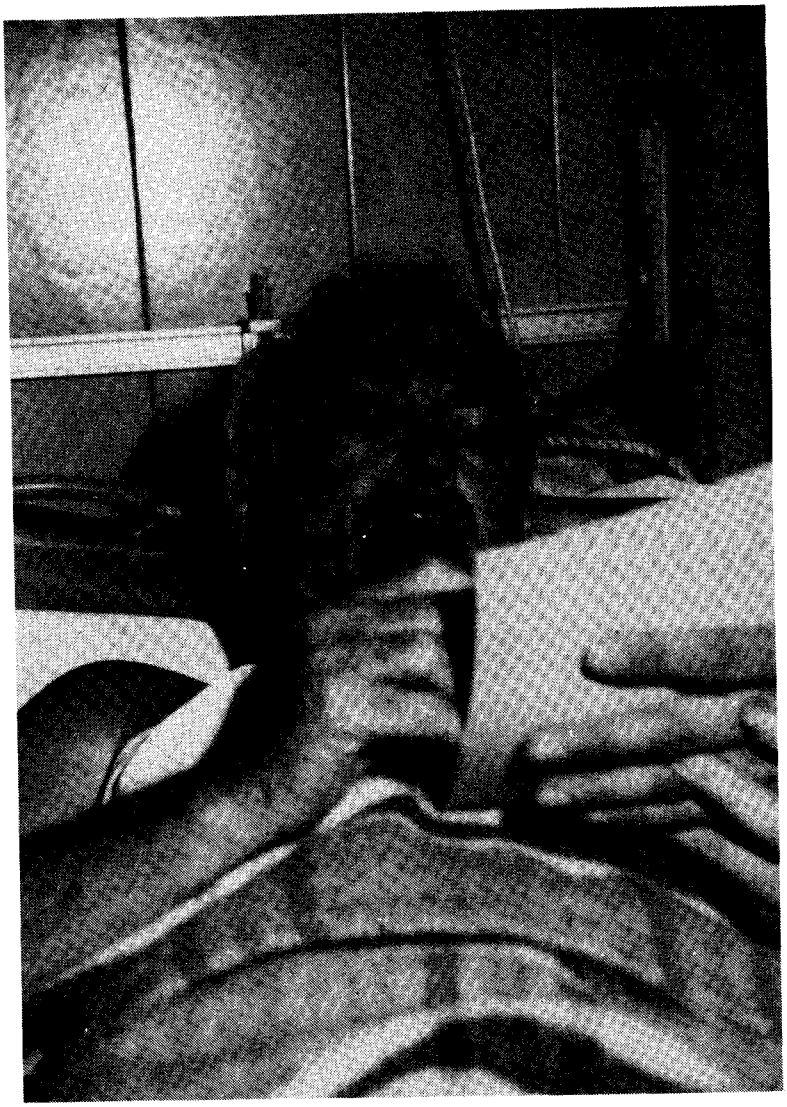
Traduzido do holandês por Tyliakaren e Suzanne Lombard, Calman Levy, 1950. O segundo é um facsímile de um texto escrito por Anne Frank no verso de uma de suas fotografias *(Journal de Anne Frank)*.

NOTA DA EDITORA

No dia 16/09/89, na cidade de Vichy, na França, este grande pesquisador foi agredido, pisoteado e massacrado por três sionistas, que se intitularam "Os filhos da memória judaica".

Ele escapou com vida pela interferência de três pescadores que passavam no local. Sofreu três fraturas no rosto e também nas costelas. As fotos apresentam este pobre Dr. Professor da Universidade de Lyon, antes e após a estúpida agressão.





O próprio hospital de Vichy foi ameaçado pelos terroristas, obrigando uma transferência secreta para um hospital de Clermont-Ferrand.

A imprensa, por telefone, os covardes agressores informaram que farão a mesma coisa com quem discordar das suas histórias...

Agir contra pesquisadores, de forma violenta e covarde, não nos parece ser a melhor forma de esclarecer o que aconteceu antes, durante e após o conflito.

A força é o direito das bestas e não de pessoas inteligentes!